

PAI-RAIOL, O FEITICEIRO¹

Joaquim Manuel de Macedo



I

[147]² O homem deixa-se facilmente enlevar pelo encanto do maravilhoso, e é explorando este segredo da fraqueza humana que o charlatanismo abusa da simplicidade dos crédulos e à custa deles bate moeda na forja da impostura, ou sacrifica à sua corrupção as inocentes vítimas que loucamente espontâneas se precipitam nesse perigoso desvio da razão.

Esta observação incontestável pode-se aplicar com inteiro cabimento a todos os tempos e a todas as nações, qualquer que fosse ou seja o grau de sua civilização.

É inútil fazer falar a história, quando a ninguém lembraria pôr em dúvida fatos que ainda hoje em todo mundo atestam o poder do [148] charlatanismo sobre a imaginação dos homens.

¹ MACEDO, Joaquim Manoel de. Pai-Raiol, o feiticeiro. In:_. *As vítimas algozes*. Rio de Janeiro: Garnier, 1869. p. 147-332.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Os adivinhos, os cartomantes, os ledores do futuro, os curandeiros misteriosos multiplicam-se em Paris e em todas as cidades da Europa, onde a impostura desses exploradores da credulidade de muitos e da curiosidade de quase todos vai descendo na escala da rudeza, do ridículo e do grotesco à medida que toma freguesia no seio da população menos civilizada e que se afasta da cidade para internar-se no campo.

Neste ponto, a Europa não pode rir do Brasil; porque o excede muito nas variedades brilhantes e sombrias dessa espécie de charlatanismo; mas também a capital do império do Brasil e nossas mais consideráveis cidades não podem rir do campo ou da *roça*, porque têm dentro de seus muros esse charlatanismo apurado e curioso que ainda não chegou à *roça* e o grotesco, e também maligno, que na *roça* é infelizmente muito comum.

Na cidade do Rio de Janeiro (e quanto mais nas outras do Império!), ainda há *casas de tomar fortuna*, e com certeza pretendidos feiticeiros e curadores de feitiço que espantam pela extravagância e grosseria de seus embustes.

[149] A autoridade pública supõe perseguir, mas não persegue séria e ativamente esses embusteiros selvagens em cujas mãos de falsos curandeiros têm morrido não poucos infelizes.

E que os perseguisse zelosa e veemente, a autoridade pública não poderá acabar com os feiticeiros, nem porá termo ao feitiço enquanto houver no Brasil escravos e, ainda além da emancipação destes, os restos e os vestígios dos últimos africanos, a quem roubamos a liberdade, os restos e os vestígios da última geração escrava de quem hão de conservar muitos dos vícios aqueles que conviveram com ela em intimidade depravadora.

O feitiço, como a sífilis, veio d'África.

Ainda nisto o escravo africano, sem o pensar, vinga-se da violência tremenda da escravidão.

II

[151] O escravo africano é o rei do *feitico*.

Ele o trouxe para o Brasil como o levou para quantas colônias o mandaram comprar, apanhar, surpreender, caçar em seus bosques e em suas aldeias selvagens da pátria.

Nessa *importação* inqualificável e forçada do homem, a prepotência do importador que vendeu e do comprador que tomou e pagou o escravo pôde, pela força que não é direito, reduzir o homem a coisa, a objeto material de propriedade, a instrumento de trabalho; mas não pôde separar do *homem importado* os costumes, as crenças absurdas, as ideias falsas de uma religião extravagante, rudemente supersticiosa e eivada de ridículos e estúpidos prejuízos.

[152] Nunca houve comprador de africano importado que pensasse um momento sobre a alma do escravo: comprara-lhe os braços, o corpo para o trabalho; esquecera-lhe a alma; também se a tivesse conscienciosamente lembrado, não compraria o homem, seu irmão diante de Deus.

Mas o africano vendido, escravo pelo corpo, livre sempre pela alma, de que não se cuidou, que não se esclareceu, em que não se fez acender a luz da religião única verdadeira, conservou puros e ilesos os costumes, seus erros, seus prejuízos selvagens, e inoculou-os todos na terra da proscrição e do cativo.

O germe lançado superabundante no solo desenvolveu-se, a planta cresceu, floresceu e frutificou: os frutos foram quase todos venenosos.

Um corrompeu a língua falada pelos senhores.

Outro corrompeu os costumes e abriu fontes de desmoralização.

Ainda outro corrompeu as santas crenças religiosas do povo, introduzindo nelas ilusões infantis, ideias absurdas e terrores quiméricos.

E entre estes (para não falar de muitos mais), fundou e propagou a alucinação do *feitiço* com [153] todas as suas consequências muitas vezes desastrosas.

E assim o negro d'África, reduzido à ignomínia da escravidão, malfez logo e naturalmente a sociedade opressora, viciando-a, aviltando-a e pondo-a também um pouco asselvajada, como ele.

O negro d'África africanizou quanto pôde e quanto era possível todas as colônias e todos os países onde a força o arrastou condenado aos horrores da escravidão.

No Brasil, a gente livre mais rude nega, como o faz a civilizada, a mão e o tratamento fraternal ao escravo; mas adotou e conserva as fantasias pavorosas, as superstições dos míseros africanos, entre os quais avulta por mais perigosa e nociva a crença do *feitiço*.

No interior do país, onde mais abunda a escravatura, mais espalhada se encontra a prática torpe do *feitiço*.

O *feitiço* tem o seu pagode, seus sacerdotes, seu culto, suas cerimônias, seus mistérios; tudo, porém, grotesco, repugnante e escandaloso.

O pagode é de ordinário uma casa solitária; o sacerdote é um africano escravo ou algum digno descendente e discípulo seu, embora livre [154] ou

já liberto, e nunca falta a sacerdotisa da sua igualha; o culto é de noite, à luz das candeias ou do braseiro; as cerimônias e os mistérios de incalculável variedade, conforme a imaginação mais ou menos assanhada dos embusteiros.

Pessoas livres e escravas acodem à noite e à hora aprazada ao casebre sinistro; uns vão curar-se do feitiço de que se supõem afetados, outros vão iniciar-se ou procurar encantados meios para fazer o mal que desejam ou conseguir o favor que aspiram.

Soam os grosseiros instrumentos que lembram as festas selvagens do índio do Brasil e do negro d'África; veem-se talismãs rústicos, símbolos ridículos; ornamentam-se o sacerdote e a sacerdotisa com penachos e adornos emblemáticos e de vivas cores; prepara-se ao fogo, ou na velha e imunda mesa, beberagem desconhecida, infusão de raízes enjoativas e quase sempre ou algumas vezes esqualida; o sacerdote rompe em dança frenética, terrível, convulsiva, e muitas vezes, como a sibila, se estorce no chão; a sacerdotisa anda como doida, entra e sai, e volta para tornar a sair, lança ao fogo folhas e raízes que enchem de fumo sufocante [155] e de cheiro ativo e desagradável a infecta sala, e no fim de uma hora de contorções e de dança de demônio, de ansiedade e de corrida louca da sócia do embusteiro, ela volta, enfim, do quintal, onde nada viu, e anuncia a chegada do gênio, do espírito, do deus do feitiço, para o qual há vinte nomes cada qual mais burlesco e mais brutal.

Referve a dança que se propaga: saracoteia a obscena negra e o sócio; interrompendo o seu bailar violento, leva a cuia ou o vaso que contêm a beberagem a todos os circunstantes, dizendo-lhes: “toma *pemba!*”, e cada um bebe um trago da *pemba* imunda e perigosa.

Os doentes de feitiço, os candidatos à feitiçaria, os postulantes de feitiço para bons ou maus fins sujeitam-se às provas mais absurdas e repulsivas, às danças mais indecentes, às práticas mais estólicas.

A bacanal se completa: com a cura dos enfeitiçados, com os tormentos das iniciações, com a concessão de remédios e segredos de feitiçaria mistura-se a aguardente, e, no delírio de todos, nas flamas infernais das imaginações depravadas, a luxúria infrene, feroz, torpíssima, quase sempre desavergonhada, se ostenta.

[156] Tudo isto é hediondo e horrível; mas é assim.

Não são somente escravos que concorrem a essas turvas, insensatas e peçonhentas solenidades da feitiçaria: há gente livre, simples, crédula, supersticiosa que se escraviza às práticas do feitiço e vai aos fatais *candombes* sacrificar seu brio, sua moralidade e sua saúde, além do dinheiro que às mãos cheias entrega ao feiticeiro-mestre.

Daí o que resulta mal se tem compreendido!

Desse culto grotesco, esqualido da feitiçaria, sai o germe da desmoralização de muitas famílias, cujos chefes, por superstição e fraqueza, são cativos de um escravo, deixando-se dominar pelo grande feiticeiro.

Saem dele envenenamentos que matam de súbito, ou que aos poucos dilaceram aflitivamente as vidas das vítimas.

Sai dele a conspiração assassina de escravos que levam a desolação a senzalas de parceiros e às casas dos senhores.

Saem dele o contágio da superstição, que é um flagelo, a aniquilação do brio, que é a ruína dos costumes e das noções do dever, a religião do mal, e o recurso ao poder de uma entidade falsa, **[157]** mas perversa, que é a fonte

aberta de confianças loucas e de crimes encorajados por uma espécie de fanatismo selvagem, que por isso mesmo se torna mais tremendo e fatal.

Essa prática da feitiçaria organizada, instituída com cerimônias e mistérios, embora repugnantes e ignóbeis, é uma peste que nos veio com os escravos d'África, que desmoraliza e mata muito mais do que se pensa, e que há de resistir invencível a todas as repressões, enquanto houver escravos no Brasil, e ainda depois da emancipação dos escravos, enquanto a luz sagrada da liberdade não destruir todas as sombras, todos os vestígios negros da escravidão que nos trouxe da África as superstições, os erros, as misérias e as torpidades da selvaticidade.

III

[159] Não há fazendeiro prudente ou ajuizado que tolere dentro de sua fazenda a prática da feitiçaria: algum, e tem havido exemplos, que apadrinhou essa brutal impostura, foi desgraçado infecto dessa louca superstição e acabou dela vítima.

As casas do escandaloso culto do feitiço, ou dos *candombes*, isolam-se instintivamente, escapam as mais das vezes à ação dos proprietários de terras, encantonando-se em lugar ou refúgio independente, que só receia a perseguição da polícia, a qual somente se lembra da sua existência se o candombeiro é emancipado, ou livre, e, como tal, pode votar em eleições: fora desta hipótese, o candombeiro faz prática de feitiçaria, [160] e a polícia dorme sem jamais sonhar com essa entidade malvada.

Mas em muitas fazendas há dissimulado, sinistro, fatal o negro feiticeiro.

E o negro feiticeiro é um perigo real de todos os dias.

Os outros escravos, se o conhecem, o temem; procuram torná-lo amigo com bajulações, presentes, serviços e obrigada submissão; se o não conhecem, sentem-no em males que experimentam.

Em regra que poucas exceções concede, o negro escravo acredita no poder do feiticeiro, como o velho muçulmano no alcorão de Maomé.

E o senhor não está a coberto da ação perversa desse tremendo ou insensato charlatão que se chama feiticeiro.

Insensato charlatão, dizemos, porque não é raro que o miserável fátuo, em sua profunda e vaidosa ignorância, se presuma dotado de maléfico e sobrenatural poder.

Mas que é na realidade o negro escravo feiticeiro? Em que consiste a sua faculdade de fazer mal impunemente? Qual é a fonte de sua força, da sua influência ativa e funesta?

[161] O feiticeiro das fazendas e dos estabelecimentos rurais, ainda mesmo dos mais modestos, é, se infelizmente entre os escravos existe, o negro herbolário, o botânico prático que conhece as propriedades e a ação terrível de raízes, folhas e frutas que debilitam, enlouquecem e fazem morrer o homem; que abatem com as forças físicas a força moral do homem, e ao que eles chamam — *amansar* o senhor; que excitam a luxúria e os instintos animais; que atacam o cérebro e corrompem a razão; que envenenam pouco a pouco, dilacerando o estômago e os intestinos até matar no fim de horríveis tormentos, ou que, de repente, em poucas horas, em breves minutos assassinam, como o tiro do bacamarte, mas sem o ruído do tiro do bacamarte.

Quem deu essa ciência ao negro analfabeto e ignorante?... a rude experiência própria ou a revelação fraternal que o prepararam na África e que mais o armam, escravo na colônia escravagista: iniciado nos venenos vegetais d'África, o negro atizou a inteligência para fazer o mal, vendo-se escravo; recolheu e guardou a rude ciência dos olhos que distinguem as plantas; onde foi, procurou, experimentou, achou vegetais [162] venéficis; conheceu uns pela experiência de outros escravos, foi ensaiando muitos nos animais domésticos, no gado da fazenda; no aspecto, no sabor, no cheiro, adivinhou às vezes o veneno nas flores, nos frutos, nas raízes do cipó, do arbusto, da árvore; preparou, assim, sua ciência prática, misturou-a com sacrílegas rezas, com imprecações e votos desprezíveis e com uma química extravagante, imunda, nojenta que compõe cozimentos e infusões em que dez ou mais substâncias inertes ou apenas asquerosas se ajuntam com uma que é o veneno que opera.

O feiticeiro não é mais nem menos do que um propinador de venenos vegetais.

Mas basta isso para torná-lo formidável.

Poucos restam dos negros africanos feiticeiros; dos que, porém, já morreram, muitos passaram aos parceiros prediletos, aos filhos desprezados com eles nas senzalas, aos curiosos que souberam pagar bem a ciência que invejavam, os segredos fatais do envenenamento com as suas variedades múltiplas.

Herbolários tremendos, os escravos feiticeiros têm escondidos no bosque, e sempre à mão, e sempre certos de serem achados, os [163] punhais invisíveis, os tiros sem estrépito, os venenos ignorados, com que

estragam a saúde ou apagam a vida daqueles de quem se querem vingar ou a quem se resolvem a matar.

E muitas vezes vão cadáveres ao cemitério da freguesia, e, ao vê-los passar, o feiticeiro ri... Ri, porque é sua colheita de morte, e ele é algoz disfarçado, insuspeito e celerado...

Há por esse interior, nas fazendas e nos sítios, moléstias que não se explicam, mortes de senhores e de escravos que se afiguram misteriosas, ataques repentinos de loucura, abatimentos da vontade e da energia do senhor que se reduz a inerte máquina sem força física e a objeto da zombaria dos seus escravos; uns lamentam, outros choram; é raro que haja quem se empenhe em aprofundar a origem e as causas de semelhantes sucessos sinistros, e só o feiticeiro, às escondidas, ri...

Em uma fazenda, em um sítio, em qualquer parte onde exista e se dissimule, o feiticeiro é peste e flagelo terrível.

E sempre que puserdes a mão em um desses feiticeiros, encontrareis nele um negro escravo... ou algum seu iniciado.

E tomai sentido e precauções: o escravo, [164] não nos cansaremos de o repetir, é antes de tudo natural inimigo de seu senhor; e o escravo que é feiticeiro sabe matar.

IV

[165] Paulo Borges era um rico fazendeiro do município de..., na província do Rio de Janeiro; no tempo do começo deste romance, que é a história resumida do mais triste período de sua vida, contava ele quarenta e seis anos de idade. Imaginai um homem alto com os cabelos castanhos e

crespos, mas nem sempre penteados, fronte um pouco baixa sob sobrancelhas bastas, olhos pretos e belos, nariz aquilino, boca rasgada, e lábios grossos e eróticos, rosto oval e de cor que devera ser branco-rosado, se o rigor do sol não o tivesse bronzeado; magro sem exageração ou antes seco de músculos, peitos largos e mãos engrandecidas e calejadas pelo trabalho, [166] e tereis diante de vós Paulo Borges fisicamente considerado.

A simplicidade e quase pobreza do seu trajar que desconhecia o império das modas e a escolha de finos tecidos, seus modos rudes, sua atividade constante, uma certa aspereza artificial de gênio, presidindo ao governo e disciplina da fazenda; a frugalidade e a economia do seu viver, o escrúpulo religioso no cumprimento da palavra dada e a diligência excessiva no trabalho mostravam nesse homem o tipo do lavrador honrado, mas sempre ambicioso de duplicar, de centuplicar seus capitais, o tipo do lavrador que hoje raramente se encontra, do pobre rico que se subtraía ao mundo e só queria conhecer a roça e a casa, os escravos e a família, trabalhando sempre, gastando pouco, ajuntando muito, e não pesando a nenhum outro homem como ele.

Paulo Borges casara-se aos quarenta anos de idade com uma senhora ainda jovem, simples de costumes, honesta, laboriosa, afeita à vida rural dos fazendeiros, e que trouxera ainda ao marido alguns contos de réis de dote: em seis anos, Teresa já tinha dado a seu esposo dois filhos, cuja criação não poupava aos cuidados domésticos e aos que particularmente corriam [167] por sua conta na fazenda, isto é, a direção da dispensa, da enfermaria e da grosseira rouparia dos escravos.

O casamento não modificara os costumes do fazendeiro; a sua voz retumbante anunciava ainda mais do que o sino da fazenda a alvorada e a

hora do começo do trabalho; Paulo Borges tomava uma xícara de café que Teresa lhe trazia, e logo seguia para a roça, onde almoçava e jantava à sombra das árvores; muitas vezes armava-se da enxada ou da foice e excitava os escravos com o seu exemplo, e quando isso não fazia, dispunha no meio deles e em alta voz o serviço; o sol entrado, voltava para casa coberto de suor e pó, mas infatigável e feliz: era assim que passava anos inteiros, à exceção dos domingos e dias de guarda, nos quais ficava em casa, donde nunca ou só por extraordinária exceção saía, somente para casos de negócio importante.

Paulo Borges tinha essa espécie de preocupação que é um mau cálculo infelizmente muito comum entre os nossos fazendeiros e lavradores, o empenho sempre ativo de comprar terras para estender as que já possui às vezes demais, e de multiplicar também a escravatura, [168] esquecendo os meios de suprir muitos braços, poupando o capital: ainda bem que a força da necessidade e a lição da experiência têm já introduzido em muitas fábricas as máquinas e os processos que economizam tempo, gente e dinheiro, e na preparação e limpeza das plantações e sementeiras, os instrumentos que produzem igual resultado. Quanto ao gosto decidido de *arredondar* as terras possuídas, comprando novas e contíguas, o costume continua a ser lei.

Paulo Borges, pois, era dominado por esse *fraco* da sua natureza de lavrador mais que abastado: onde havia terras a vender junto ou perto das suas, ele as tomava, ainda por elevado preço, imobilizando, assim, avultadas somas; se notícias lhe chegavam de arrematação de escravos na vila ou de venda de alguns nas proximidades da sua fazenda, arrancava-se aos encantos da roça e lá ia realizar a compra; jamais se ocupara de tomar

informações sobre a moralidade ou antes sobre os graus de desmoralização da gente que introduzia na sua fazenda, nem lhe importava a celebridade ruim de um ou outro escravo: não comprava homens, comprava máquinas; queria braços e não corações; além disso, tendo fama e gabando-se de senhor severo e forte, entrava nos [169] seus timbres *amansar* os negros altanados e incorrigíveis.

Também na fazenda os castigos cruéis poucas vezes se observavam; porque a certeza deles nos casos graves desanimava os escravos mais audaciosos, que sabiam como o senhor nunca punia sem razão e nunca perdoava, quando a tinha para castigar.

Cinco anos depois do seu casamento, Paulo Borges deixou de ir à roça uma manhã; deu suas ordens a um escravo que na sua falta servia de feitor, vestiu-se com algum esmero, e, almoço acabado, tomou o chapéu para sair.

— Isto é novidade grande, senhor Paulo — disse-lhe a mulher, que era sempre alheia aos negócios externos de casa.

— Há hoje arrematação de escravos na vila; são vinte, e acostumados já à lavoura da cana e ao serviço do engenho...

— Já temos tantos... mais de cem...

— Tomara eu mil... Tu me dás um filho de dois em dois anos e aí estás a empurrar-me com o volume do terceiro, que não tarda a saltar no mundo, e não queres que eu prepare futuro para a nossa ninhada?

Teresa sorriu-se, convencida.

[170] Paulo Borges montou a cavalo, partiu a galope e à tarde voltou, trazendo diante de si vinte escravos, vinte homens, umas míseras máquinas vivas trazendo no rosto a expressão da indiferença estúpida e da

imbecilidade; outros, cabisbaixos, apreensivos e profundamente melancólicos.

Entre eles, vinha Pai-Raiol, um negro feio e já desfigurado por moléstia ou por castigos.

Teresa, que acudira a receber seu marido, ao correr com os olhos os seus novos escravos, sentiu um movimento de repulsão vendo o Pai-Raiol, e, voltando o rosto, disse baixo a Paulo Borges:

— Que má cara tem este negro!

Pai-Raiol ouviu a observação da senhora, que o apontara com o dedo; mas ficou imperturbável, frio, indiferente, como se nada tivesse ouvido.

V

[171] Pai-Raiol passara nesse dia ao seu quinto senhor.

Era um negro africano de trinta a trinta e seis anos de idade, um dos últimos importados da África pelo tráfico nefando: homem de baixa estatura, tinha o corpo exageradamente maior que as pernas; a cabeça grande, os olhos vesgos, mas brilhantes e impossíveis de se resistir à fixidade do seu olhar pela impressão incômoda do estrabismo duplo e por não sabermos que fluíção de magnetismo infernal; quanto ao mais, mostrava os caracteres físicos da sua raça; trazia, porém, nas faces cicatrizes vultuosas de sarjaduras recebidas na infância: um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o lábio [172] superior, e a fenda resultante deixara a descoberto dois dentes brancos, alvejantes, pontudos, dentes caninos que pareciam ostentar-se ameaçadores; sua boca era, pois, como mal fechada por três lábios, dois superiores e completamente separados, e um inferior perfeito:

o rir, aliás muito raro, desse negro era hediondo por semelhante deformidade; a barda retorcida e pobre que ele tinha mal crescida no queixo, como erva mesquinha em solo árido, em vez de ornar, afeiava-lhe o semblante; uma de suas orelhas perdera o terço da concha na parte superior cortada irregularmente em violência de castigo ou em furor de desordem; e, finalmente, braços longos prendendo-se a mãos descomunais que desciam à altura dos joelhos completavam-lhe o aspecto repugnante da figura mais antipática.

Pai-Raiol tinha má reputação: fora vendido uma vez, e três vezes revendido pela desordem em que punha os parceiros, pelos furtos que incorrigivelmente praticava, e por suspeita de propinação de veneno a uma escrava que resistira a seus desejos impetuosos e em breve morrera subitamente logo depois de aceitar e beber um copo de aguardente que ele lhe oferecera à porta de sua senzala. Além disso, o negro se [173] fizera temível pela audácia de seu ânimo e força física ainda mais avultada pela agilidade e presteza de movimentos nas lutas. No poder de seus três primeiros senhores, provara os mais duros castigos: experimentara por mais de uma vez as dolorosas solidões do tronco e os tormentos do açoite no poste horrível, onde se amarra o padecente, a vítima, criminosa embora.

Em seu quarto cativo, que breve terminou pela morte do senhor, parecera enfim menos intrigante e perturbador da harmonia dos míseros parceiros; mas sofrera ainda por vezes severos castigos pela descoberta de sua frequência reincidente e teimosa nos *candombes* de uma negra liberta e famosa feiticeira. Pai-Raiol acabara por dobrar-se humilde às condições da escravidão e, nos últimos meses de vida de seu quarto senhor, que, aliás, morreu de ulcerações no estômago e intestinos, vegetou, existiu silencioso

e triste na fazenda, trabalhando de dia na roça e passando as noites recolhido na senzala.

Pretendiam os outros escravos seus parceiros que essa inesperada e completa metamorfose de Pai-Raiol, o incorrigível, era devida aos seus felizes amores com a crioula Esméria, que com ele convivia e o dominava.

[174] A morte do senhor, o subsequente inventário e as partilhas da casa por ele deixada, a necessidade do pagamento de dívidas enfim determinaram essa arrematação de vinte escravos, de que se aproveitou Paulo Borges, a quem, aliás, não foi estranha a história do Pai-Raiol e que se aplaudiu de contar entre os vinte arrematados a crioula Esméria que tornara pacífico, tranquilo e sujeito o indisciplinado africano.

Paulo Borges não dava importância a essas ligações de escravo e escrava; mas, pois que a do Pai-Raiol e de Esméria lhe aproveitava, reputou afortunada a compra que mantinha a consoladora sociedade do negro e da negra que se diziam amar.

E, recolhidos os vinte novos escravos à fazenda, Paulo Borges mandou-os procurar e escolher senzalas, abandonando a seus instintos e deixando em liberdade de convivência o africano Raiol e a crioula Esméria.

VI

[175] Naturalmente, Paulo Borges e Teresa conversaram sobre os seus novos escravos, e a senhora ouviu do marido a história dos maus precedentes do Pai-Raiol e da influência benéfica e feliz com que a crioula Esméria corrigira ou fizera ao menos adormecer seu gênio perverso.

Teresa lembrou-se da impressão repulsiva que experimentara vendo o negro; sentiu que a sua antipatia achasse explicáveis fundamentos e, gostando que uma escrava tivesse podido domar o escravo enfezado e indisciplinável, pois que por fim de contas era sempre a mulher dominando o homem da sua igualha ou condição, teve curiosidade de ver Esméria, e no dia [176] seguinte, quando ao anoitecer chegaram os escravos da roça, mandou-a chamar.

A negra obedeceu logo; mas chegou com evidentes sinais de acabrunhadora fadiga.

A senhora esteve algum tempo a olhar e a considerar a escrava.

Esméria era uma crioula de vinte anos com as rudes feições da sua raça abrandadas pela influência da nova geração em mais suave clima; em seus olhos, porém, e no conjunto de seus traços fisionômicos, havia certa expressão de inteligência e de humildade que agradou à senhora.

Teresa achou que Esméria tinha *boa cara*.

Tendo acabado o seu silencioso exame, a senhora disse à escrava:

— Parece que te cansou muito o serviço de hoje... és então fraqueirona...

— Hei de me acostumar, minha senhora... sou forte para o trabalho.

— Como é isso? Não estavas acostumada?

— À enxada não, minha senhora; mas tudo é serviço... amanhã trabalharei melhor...

— Que fazias em casa de teus antigos senhores?

— Lavava, engomava; mas quase sempre [177] estava na cozinha e ajudava minhas senhoras a fazer doces.

— Ah! Eras escrava de dentro... és boa cozinheira? Deixa ver os dentes.

Esméria mostrou duas ordens de dentes brancos, iguais e perfeitos.

— Sabes costurar?

— Sei, minha senhora.

— Vai descansar.

A crioula tomou a bênção à senhora e retirou-se com os olhos baixos e com alegre esperança no coração.

Teresa ficara refletindo; a escrava lhe convinha para o serviço doméstico; receava, porém, perturbar as suas relações frequentes com o Pai-Raiol, de quem a supunha útil refreadora de malvados instintos; assentou, porém, que tudo se resolveria convenientemente retendo em casa a escrava de dia e dando-lhe a liberdade da senzala durante a noite.

Restava disputar a Paulo Borges uma enxada da sua roça; mas Teresa conhecia bem o caráter de seu marido e o amor um pouco áspero, porém real e profundo, que lhe devia.

À primeira palavra que a mulher pronunciou, pedindo-lhe Esméria, Paulo Borges fez-se [178] carrancudo e bradou que tinha a casa já cheia de negras vadias.

— Está bem — disse Teresa. — Não falemos mais nisso.

E ela não falou; mas ficou levemente contrariada e triste.

Paulo Borges entrou, saiu, tornou a entrar dez vezes na sala de jantar e a sair dela outras tantas; por fim, não saiu mais, acabando por ser ele quem pediu a Teresa para aceitar Esméria.

Está entendido que a crioula não voltou mais à roça.

Era uma escrava esperta, hábil e ativa: criara com o fingimento mais friamente calculado uma segunda natureza para o seu viver na escravidão; sua humildade nunca se desmentia, sua disposição alegre no trabalho a

tornara estimada da senhora; pela sua inteligência, agilidade e zelo, valia ela só duas ou três escravas.

Esméria lavava, engomava e costurava bem; mas sobretudo na cozinha nenhuma das parceiras a igualava.

Não tinha vontade que não fosse a de sua senhora: aceitou a liberdade da senzala durante a noite, como se obedecesse a uma ordem.

[179] Carinhosa e paciente com as crianças, tinha sempre uma cigarra, um ninho roubado aos passarinhos, um objeto de distração para os pequeninos senhores-moços, um menino e uma menina, que por isso a procuravam de contínuo.

Teresa abria seu coração de mãe ao reconhecimento suavíssimo daqueles carinhos da crioula.

A escrava pouco e pouco ia, por sua vez, cativando a senhora.

Paulo Borges admirava e louvava o acerto de sua esposa.

Teresa, falando de Esméria em suas íntimas conversações com o marido, repetia-lhe sempre:

— Esta escrava foi a minha sorte *grande*, senhor Paulo; não se encontram duas assim.

VII

[181] Esméria não era o que parecia: coagida pela força que não podia rebater a suportar a escravidão que debalde detestava, preparara com atilado juízo a sua segunda natureza, o difícil, mas seguro processo, a melhor combinação de proceder para tornar menos dolorosa e torturadora a sua vida de escrava.

Refinara o fingimento.

Via nos filhos de seus senhores futuros e aborrecidos opressores, e beijava-lhes os pés que às vezes desejava morder.

Tinha para os lábios risos de falsa alegria nas horas de aborrecimento, de melancolia e de aversão a ferver.

Luzia-lhe nos olhos o amor da senhora, que [182] a amava e distinguiu, e lhe dispensava favores, e, no fundo do coração, maldizia dela só porque ela era sua senhora: espiava-lhe a vida, almejando descobrir fraquezas, erros e ofensas ao dever; invejava-lhe os vestidos, os gozos, a condição; em muda ousadia, comparava-se com Teresa, e em sua louca vaidade pretendia ser mais bonita, mais bem-feita, mais sedutora que ela.

Desconfiada e egoísta, não tinha nem franqueza nem lealdade com as parceiras: de todas simulava-se amiga, de nenhuma denunciava nem escondia as faltas; se podia comprometer-las sem comprometer-se, fazia-o para mais recomendar-se ao ânimo e ao coração da senhora.

Testemunhava indiferente, com seriedade que podia indiciar sentimento, mas sem dor e sem piedade, os castigos que as outras escravas recebiam às vezes.

Em resumo, Esméria era um composto de dissimulação profunda, de egoísmo enregelado e de aversão abafada.

Não bebia e detestava o fumo: escrava, desconhecia as duas repugnantes consolações da escravidão, a dupla embriaguez da aguardente e do cachimbo; mas, em compensação, era possessa do demônio da luxúria, que é o demônio [183] torpe que desenfreia os instintos animais do escravo, únicos que o mantêm animal a despeito da prepotência que teima em reduzi-lo a simples coisa material.

Mas ainda nesse frenesi dos sentidos, Esméria ocultava na sombra o seu vício dominante e furioso: amava os amantes de sua raça, preferia-os a todos os outros; mas, em sua vaidade descomunal e egoísta, envergonhava-se deles, desejava sepultá-los ignotos no mistério de suas noites escandalosas; tomava precauções, imaginava ridículos e impossíveis segredos, e aspirava a fortuna do amor, da posse, da paixão delirante de um homem livre e rico.

Como outros, Paulo Borges e Teresa se haviam enganado, dando importância às ligações da Esméria com o Pai-Raiol, e acreditando na influência da crioula sobre o escravo africano.

Esméria fora amante de Pai-Raiol outrora, e só durante algumas semanas ou meses.

Um e outro separaram-se em breve sem acordo resolvido, mas de acordo espontâneo, sem ressentimento e com a ampla tolerância e a ilimitada indiferença da sociedade escrava.

O que resultou dessa ligação efêmera foi o contrário do que imaginara a credulidade.

[184] Não era Esméria que dominava o Pai-Raiol pelo encanto do amor, a que o refalsado negro africano nunca seria suscetível de dobrar-se; era a possessão como magnética da crioula pelo Pai-Raiol que sujeitava ela a ele.

O escravo incorrigível fatigara-se do tormento dos açoites, concentrara seus ódios a todos os brancos e a todos os senhores, e por adotado plano se deixara acreditar sopeado, arrependido e sujeito.

Esméria não domara a seu amante de alguns dias e fora alheia à sua aparente resignação.

Do amor passageiro dos dois escravos, amor que por acaso renascia para tornar a morrer, como as inexprimidas e rápidas exalações elétricas que radiam por momentos, rasgando o espaço, o que resultou não foi a influência benéfica de Esméria sobre o Pai-Raiol; foi a influência satânica do Pai-Raiol sobre Esméria.

A crioula não amava; temia, porém, o africano: longe dele pronunciava o seu nome sempre em tom de voz respeitosa, e quando o via perto, acudia-lhe ao chamado, obedecia-lhe ao aceno, e executava pronta e como escrava a ordem que ela interpretava cintilando desconcertada nos olhos vesgos.

[185] Donde vinha esse império do Pai-Raiol, a que tão submissa se curvava Esméria? Os escravos teimavam em dizer que os dois eram amantes e que a crioula, embora muito infiel, se fingia dócil e sujeita ao feio negro para melhor senhoreá-lo.

O Pai-Raiol ouvia com indiferença esses juízos; mas a verdade era que Esméria, com toda sua viveza, acreditava nos prodígios do feitiço e considerava aquele africano abalizado feiticeiro; durante sua mais frequente ligação com ele, pudera ser testemunha de sinistros processos de feitiçaria pelos quais o mal, o dano premeditado se realizava infalível; vira em escondido depósito folhas secas, raízes, pós, penas negras, garras de abutres, ossos humanos e cem outros objetos de misteriosas e sempre maléficas propriedades, quando a ciência do feitiço os combinava.

Uma vez, Raiol conduziu Esméria ao bosque e, parando em um lugar onde mais se cerrava o cipoal, assobiou por vezes, imitando os silvos das serpentes; em breve acudiram, uma depois de outra, três cobras ameaçadoras; o negro fixou os olhos sobre elas, segurou junto da cabeça em uma, que se enrolou em seu braço, depois [186] deixou-a livre e, assim

enrolada, ameigou-a, tirou-a do braço, guardou-a no seio e por fim soltou-a no chão; e enquanto a crioula recuava, tremendo de medo, repetiu o mesmo brinco, ou a mesma operação, com outra cobra.

Saindo do bosque, a crioula, ainda assustada, perguntou:

— Para que você faz isto, Pai-Raiol?...

— Pai-Raiol pode — disse o negro com ostentação.

— Um dia, alguma cobra há de mordê-lo e matá-lo.

Raiol riu-se friamente e respondeu no mesmo tom:

— Pai-Raiol é rei das serpentes.

O escravo africano visava um fim em todo esse seu proceder com a crioula: era atarantá-la, causar-lhe medo, cativá-la, prendê-la com os prestígios do seu poder, e torná-la cego instrumento de sua vontade em algum caso que premeditava.

A morte de seu senhor e a sua subsequente mudança de cativo anularam os projetos que ele concebera e estava disposto a pôr em execução, e por isso, embora arrematado com Esméria, o Pai-Raiol dela pouco se ocupava.

Mas Esméria rendia sempre ao Pai-Raiol o culto do terror.

VIII

[187] Paulo Borges também supôs, como Teresa, ter achado sua sorte *grande* entre os vinte escravos que arrematara.

O Pai-Raiol era a melhor enxada da sua roça: à frente do eito, ele avançava, cavando a terra, como o soldado intrépido e rompente que marcha avante, ganhando o campo ao inimigo; manejava a foice ou

descarregava o machado com a impetuosidade do entusiasmo pelo trabalho; não parava para enxugar o suor com que o esforço braçal e o calor ardente do sol faziam inundar-lhe o rosto e o corpo, e apenas alguma vez olhava para um e outro lado para ver se algum dos parceiros tentava ou estava prestes a emparelhar-se com ele.

[188] Paulo Borges admirava-lhe em silêncio o amor do trabalho; mas Raiol não trabalhava com amor, trabalhava com raiva: dir-se-ia que, intimamente revoltado contra a violência que o tornara escravo, provocava a fadiga, atormentava-se nos deveres obrigados da escravidão para mais atiçar as fúrias que esta acendera em seu seio.

O Pai-Raiol ao menos não simulava amar o senhor: se às vezes e bem raras o olhava, ninguém podia dizer o que exprimia o seu olhar de completo e dúplice estrabismo: era um olhar de odiento furor assassino que se entranhava nos ângulos sombrios das pálpebras negras.

Esse escravo africano era a concentração misantrópica na sepultura do silêncio: nunca falava aos parceiros na roça, e só com monossílabos ou com respostas de concisão desanimadora cortava as tentativas de amigável conversação; desprezava, aborrecia os escravos porque a experiência o convencera de que a ignomínia da sua condição os fizera vis, covardes e incapazes de obedecerem à sua voz no empenho de horrível conflagração, que muitas vezes imaginara e calculara possível.

O Pai-Raiol era pela escravidão vítima, e [189] pela organização ou por sua natureza mau: a reação dos sentimentos da vítima e os instintos, as inspirações da natureza má o tornavam fera; mas em sua ferocidade estava longe de ser leão, era leopardo.

Desenganado dos irmãos escravos, detestando essa fraternidade que não lhe facilitava seguros instrumentos de imenso mal, de guerra assassina contra os senhores, ele contava só consigo e em si próprio se embrenhava.

Fora do serviço, o Pai-Raiol abrigava-se em sua senzala, que demorava isolada no cabeço de uma colina do campo, tendo em sua frente pedregoso precipício; ele não tinha, não procurava nem aceitava amigos; ninguém o via rir nem lhe ouvia queixas; nas noites dos dias de trabalho, nunca saía da fazenda: era certo na sua senzala.

Nos domingos e dias santificados, fazia ligeira visita à venda para prover-se de aguardente e fumo; depois, pedia em casa a sua ração e internava-se nas florestas ou divagava pelos matos novos e recolhia-se à noite.

Que ia o Pai-Raiol fazer às florestas e aos matos novos? Alguns o reputavam caçador, porque algumas vezes ele trazia de volta animais [190] e aves que conseguia apanhar em laços e *mundéus*.

Só Esméria acertava, dizendo entre si:

— O feiticeiro foi colher folhas, frutos e raízes que bem conhece, e brincar com as cobras venenosas, porque é delas o rei.

Com efeito, o Pai-Raiol estudava com a sua rudíssima prática a flora das matas vizinhas da fazenda; achava e colhia nelas plantas venéficas suas conhecidas, e descobria novas, cujas propriedades suspeitas experimentava.

Pai-Raiol se armava, preparava e enriquecia o seu arsenal: o feiticeiro não passa de envenenador; é o assassino charlatão.

Sobre o misantropo negro pesava a fama antiga de feiticeiro; mas nas vizinhanças da fazenda de Paulo Borges havia uma casa de candombes ou de cultos de feitiçaria, e o Pai-Raiol nunca se lembrara de visitá-la.

O toque noturno da puíta, do uricungo e do pandeiro selvagem alvoroçava às vezes os escravos que, em suas senzalas, lembrando as danças da África, choravam saudosos, ou alguns venciam o medo dos castigos, fugindo da fazenda para onde os chamavam as músicas grosseiras, mas recordadoras da pátria. O Pai-Raiol [191] nem por esse encanto se deixara jamais vencer ou seduzir: a voz do escravo feitor que procurava informar-se das ausências severamente proibidas era sempre respondida pelo escravo da senzala isolada.

Paulo Borges, que zombava da crença do feitiço e que não esquecia o vigor fervente da sua melhor enxada, desprezava as suspeitas de feitiçaria que desabonavam e comprometiam o seu escravo mais diligente e mais sossegado.

Pai-Raiol, portanto, se abismava em si próprio, nas rumações dos padecimentos da sua miserável condição, nas ebulições da sua maldade irritada, na fúria comprimida de sua vingança de aspirações ferozes.

O seu silêncio era como o gelo que cobre o Hekla. O silêncio cerrava os lábios, o vulcão estava mal contido no peito, que ansiava por abrir a cratera e arrojara as lavas destruidoras.

O escravo vivia na senzala solitária ruminando, atiçando, incandescendo o ódio ao senhor e cogitando sobre os meios mais pérfidos, mais terríveis e mais eficazes para satisfazer esse ódio.

O natural inimigo do senhor velava...

A senzala do escravo ameaçava, como sempre, a casa do senhor.

IX

[193] O Pai-Raiol era o demônio do mal e do rancor.

Para espalhar a desolação, derramar sangue, assentar-se no trono medonho das ruínas, alimentar-se com os gemidos e com os arrancos da agonia e rir medonhamente sobre os horrores da morte, inventaria pretextos, e em falta de pretextos serviria sem remorsos ao impulso dos instintos perversos, vangloriando-se da perversidade.

Na fazenda de Paulo Borges, Pai-Raiol ainda não tinha sofrido castigo algum, e seu senhor, embora não lho dissesse, estava tão satisfeito dele, que já por duas vezes o mandara feitorar os parceiros: no desempenho dessa tarefa, **[194]** requintara de severidade, e os pobres escravos viram-se de contínuo excitados ao trabalho a golpes de açoite manejado por mão também de escravo. Pai-Raiol os flagelara por sistema; o açoite é que as mais das vezes provoca o desespero e a fúria da escravidão.

Sem pretextos para aborrecer o senhor, aborrecia-o e desejava-lhe mal somente porque era seu senhor; para detestar a senhora, seu coração ruim aproveitara um fútil pretexto, guardando, rancoroso, a lembrança da impressão repulsiva que causara à Teresa e das palavras que a ouvira dizer em voz baixa ao marido:

— Que má cara tem este negro!

Tudo serve ao ódio do escravo; o simples e incalculado movimento de antipatia de uma senhora suscetível, e até inocente repugnância, ou o medo infantil de uma criança.

Luís, o filho mais velho de Paulo Borges e Teresa, menino de quatro anos, tinha um dia visto chegar da roça o Pai-Raiol e desatara a chorar

assustado; sua mãe correria a tomá-lo nos braços e, perguntando-lhe por que chorava, o pobre anjinho apontara para o feio escravo e dissera a soluçar:

— É o *zumbi*... o *zumbi*...

[195] O *zumbi* era um monstro negro e imaginário, herói sinistro de estúpidas e horríveis histórias com que as escravas, em vez de entreter, assombravam o nervoso menino com a mais lamentável e perigosa inconveniência, o que, aliás, é infelizmente muito comum em nossas famílias.

O medo sentido por Luís passou a Inês, sua irmãzinha de dois anos, que também tremia e chorava quando por acaso via Pai-Raiol.

O malvado escravo tomou em rancor as duas crianças, como tinha tomado em rancor Teresa e como, sem pretexto algum, nutria igual sentimento pelo senhor.

Mas Pai-Raiol, já amestrado, contando só consigo, temendo o açoite que por vezes lhe cortara as carnes, convencido de que em traçoeiro segredo melhor e mais seguro podia ser danoso aos senhores, refalsado ostentara submissão triste, obumbrada, mas completa e tranquila, e, na solidão de suas noites e no silêncio do seu viver, preparava a guerra.

Há nas fazendas, em algumas ou em muitas ao menos, séries, correntes de infortúnios, períodos de adversidades que os lavradores somente explicam acusando a sua *infelicidade*.

[196] Em certos casos, são coincidências filhas de erros que não se querem reconhecer; em outros, acontecimentos nocivos, cuja explicação escapa à inteligência das vítimas; em muitos, a fonte da infelicidade teimosa está no ódio natural e disfarçado dos escravos.

Os escravos prejudicam aos senhores cem vezes mais do que estes calculam pelos dados da observação dos fatos patentes.

Eles prejudicam aos senhores:

Trabalhando maquinalmente, sem ideia de melhoramentos, de progresso e de aperfeiçoamento do sistema de trabalho, sem os incentivos de interesse próprio e com desgosto e má vontade;

Furtando nas roças, nas fábricas e nos armazéns produtos que vão vender para embebedar-se, o que ainda diminui as forças, quando não compromete a saúde e rouba ao trabalho dias passados na enfermaria;

Suicidando-se subitamente, ou aos poucos, quando, por nostalgia, enfezação ou desespero morno e profundo contraem e alimentam enfermidades que acabam por matá-los;

Fugindo à escravidão por dias, semanas, meses ou para sempre, e nos quilombos, [197] seduzindo outros escravos para fugir como eles;

Não poupando o gado e os animais, não zelando os instrumentos rurais, não compreendendo a necessidade de cuidados, não tendo nem podendo ter amor à propriedade do senhor, não se ocupando das perdas ou dos lucros do senhor;

Fazendo perdurar a rotina e o trabalho materializado, e, por sua indiferença, estupidez e desmazelo, contrariando, anulando e desacreditando processos, invenções, máquinas que economizam tempo e braços e que, explorados pela inteligente execução do homem livre e interessado, oferecem resultados que aumentam a riqueza;

E sem falar na influência imoral, corruptora da escravidão, os escravos muitas vezes prejudicam aos senhores cem vezes mais do que estes calculam fazendo refalsada e misteriosamente o dano que podem.

O Pai-Raiol é um exemplo. Basta um escravo perverso para a sementeira de ruínas.

Seis meses depois da arrematação dos vinte escravos, que foram seis meses de paciência e [198] cálculo para o Pai-Raiol, a fortuna começou a desandar na fazenda de Paulo Borges.

Os bois e as bestas morriam, e não havia peste: tornaram-se evidentes os sinais de envenenamento, e o fazendeiro explorou o campo e os pastos, ordenando limpa geral na suspeita de vegetação de ervas venélicas.

A limpa pôs termo à destruição dos animais; o prejuízo, porém, tinha sido relativamente enorme: Paulo Borges teve de remontar a fazenda.

Semanas depois, em uma noite de violenta ventania, o sino tocou desesperadamente a fogo, e Paulo Borges, que saltara da cama, e os escravos que acudiram das senzalas, viram, correram a atalhar o incêndio que, estalante, devorava o imenso canavial, animadora esperança de pingue produto do trabalho do último ano: o vento ajudava-as línguas de flamas; dois terços do canavial ficaram carbonizados.

Alguns meses ainda: as ervas tinham de novo sem dúvida rebentado da terra, e outra vez as bestas, os bois, os carneiros morreram às dezenas.

O ano era fatal: Paulo Borges maldizia da sua *infelicidade* e principiava a desconfiar de tão repetidos infortúnios: ameaças terríveis [199] saíram de sua boca, e o Pai-Raiol um dia apresentou ao senhor um punhado ervas.

— Que é isso? — perguntou-lhe Paulo Borges.

— É o que mata o boi e a besta — respondeu o escravo.

Segunda limpa geral do campo e dos pastos foi executada sob a direção de Pai-Raiol, e a mortandade cessou.

O fazendeiro tinha perdido em um ano o que não poderia ganhar com o trabalho de dois.

Mas que fazer?... Era a *infelicidade*.

E ainda bem que o Pai-Raiol tinha, embora um pouco tarde, descoberto a erva que matava os animais: era uma vegetação maligna e fatal que nunca dantes se encontrara nos pastos da fazenda e que então rebentara *sem dúvida* de sementes trazidas e espalhadas pelo vento...

Infelicidade...

E o incêndio do canavial?... Talvez o houvesse ateado a inveja de algum mau vizinho; ou, quem sabe? A ponta de cigarro ainda aceso atirada sem malícia por viajante ou tropeiro; pois que o *partido* ladeava a estrada e o fogo começara por esse lado.

Infelicidade...

X

[201] Havia na fazenda de Paulo Borges uma escrava que, ao anúncio de cada uma daquelas calamidades, se tornava apreensiva, não podendo acreditar que o acaso ou a absurda *infelicidade* fosse quem as produzisse.

Era Esméria.

A crioula tinha visto a imagem do *rei das serpentes* nas flamas destruidoras do canavial e na mortandade dos animais; ela, porém, não sentia os danos sofridos pelos senhores, e que deles se doesse, nem por isso externaria suas suspeitas, provocando a vingança de Pai-Raiol, que tanto podia sobre ela pelo medo que lhe inspirava.

Entretanto, alguns meses passaram sem outros [202] infortúnios: Teresa dera felizmente à luz um terceiro filho, e a consolação e a esperança sorriram também na abundância e no viço das novas sementeiras: um berço de amor na família e os berços da riqueza nos campos fizeram voltar a alegria ao coração do fazendeiro.

Restabelecera-se na fazenda a vida igual e serena.

Esméria não pensava mais nas suspeitas que tivera da ação maléfica do Pai-Raiol; este, porém, lembrou-se da crioula exatamente quando ela começava a esquecê-lo mais.

Uma noite e já tarde, o Pai-Raiol foi bater de manso à porta da senzala de Esméria, que, ou ainda não dormia, ou acordando fácil, estremeceu, reconhecendo a voz do negro terrível, mas apressou-se a recebê-lo.

A lua plena estava clara e brilhante, e inundada por seus raios mostrou-se a figura sestra do africano aos olhos da crioula, que, aliás, nunca o repugnara, mas que principalmente o temia.

— Pai-Raiol! — disse Esméria, como admirada.

O negro apertou-lhe a mão e sentou-se à porta da senzala; a crioula imitou-o, sentando-se a seu lado.

[203] Depois de breve silêncio, o Pai-Raiol falou. Por negação, incapacidade ou enfim por amor de sua língua ou dialeto selvagem, mas pátrio, o rancoroso escravo, apesar de trazido ao Brasil há cerca de vinte anos, exprimia-se mal e deformemente em português, introduzindo muitas vezes na sua agreste conversação juras e frases africanas. O leitor deve ser poupado à interpretação dessa algaravia bárbara.

— Pai-Raiol vive triste e só... — disse o negro. — De dia, tem a roça que arranca os braços... de noite, sozinho na senzala... não tem nada...

— É porque foge dos parceiros... — respondeu Esméria.

— Os sapos?... — tornou ele, batendo com o pé, como se quisesse esmagar os nojentos animais de que se lembrara. — Os sapos?... — E pronunciou em seu dialeto uma jura que devia ser esquálida.

Esméria riu-se e respondeu.

— Eu também sou sapo.

As carícias do escravo são ultrajes escandalosos na vida civilizada. Pai-Raiol acariciou desse modo a crioula, que fácil se abandonava.

— Dantes era melhor — disse o negro, sossegado. — Dantes Esméria ia sempre à senzala do [204] Pai-Raiol... depois deixou de ir lá, e vai às de todos... Esméria é má.

A crioula nem se defendeu da acusação.

— Pai-Raiol, foi você que se aborreceu de mim... bem sabe...

O negro sacudiu com a cabeça e tornou com voz comprimida e alterada:

— Pai-Raiol teve raiva de Esméria, que andava como garrafa de cachaça no fado... teve raiva e quis matá-la... para não matá-la... empurrou-a...

A crioula tremeu.

— Pai-Raiol gosta de Esméria...

A crioula passou-lhe o braço pelo pescoço, mas não pôde falar.

— Escuta — continuou o africano —, Pai-Raiol não quer bulha, nem inveja: os sapos fazem bulha e têm inveja; depois vem a surra.

E ele bateu com força nas nádegas que guardavam profundas cicatrizes de açoites repetidos, e riu-se hediondo e feroz a bater nas nádegas.

– Como então? Como então?... – perguntava a crioula.

O negro serenou e disse:

– De dia, Pai-Raiol não vê Esméria; de noite e tarde, como agora, Esméria vai ver Pai-Raiol.

[205] – Para que isso?...

– Os sapos dormem bêbados a essa hora...

E acrescentou, falando com os dentes cerrados:

– E na terra do cativeiro os *tigres* não atacam de noite.

Tudo isso foi dito com a palavra estropiada e bárbara do escravo africano boçal e rancoroso.

Esméria não respondeu: aterrada, mas por hábito e por organização libidinosa, esperava o fim da brutal conferência.

Pai-Raiol, que se calara, levantou-se de repente, fitou por alguns momentos seus olhos vinhos no rosto de Esméria, que, ao clarão do luar, viu-lhe alvejando as escleróticas e as pupilas quase sumidas nos ângulos internos das pálpebras, donde sentiu que partiam e se entranhavam em seu rosto raios visuais cheios de um calor, como de um bafo morno, que perturbava seus sentidos e a ia subjugando com um influxo poderoso.

O negro, em seguida a esse breve olhar, disse:

– Vem.

E encaminhou-se para a sua senzala solitária.

A crioula o seguiu de perto.

XI

[207] O Pai-Raiol não temia nem a bulha, nem a inveja dos escravos seus parceiros, a quem chamara sapos, e pouco se lhe dava de que soubessem de seus grosseiros amores aqueles a quem dera o nome de *tigres* que na terra do cativoiro não atacam de noite.

O que em seus cálculos ele procurava era esconder, quanto possível fosse, as suas relações frequentes e íntimas com Esméria, que, aliás, uma ou outra vez tinha sido vista em sua senzala como na de muitos outros.

Era igualmente fingido o ciúme que manifestara ameaçador: procurava de novo Esméria menos como mulher do que como instrumento [208] de plano celerado; mas para subjugar-la, infundia-lhe o terror.

A crioula viva e sagaz, que conhecia perfeitamente o antigo amante, descrevia a sua paixão; por vício, porém, e por medo, sujeitava-se a ele, doidejando a imaginar as consequências da renovação de seus laços íntimos.

Como quer que fosse, o Pai-Raiol e Esméria viram renascer a sua antiga união de breves semanas, que então se tornou mais duradoura e mais firme.

As precauções recomendadas pelo Pai-Raiol não lhe aproveitaram por muitos dias. Esméria, temendo o amante ou dele satisfeita, tornou-se mais esquiva aos outros escravos que a espiaram e descobriram a sua convivência noturna com o silencioso, misantropo e feio negro da senzala dantes solitária.

O Pai-Raiol não gostou, mas sujeitou-se a essa contrariedade, e a sua ligação com Esméria não foi mais dissimulada: os senhores fingiam ignorá-

la; ou toleravam-na, não se ocupando dela; os escravos parceiros, tendo certo respeito ao amante, deixaram-no em tranquilo gozo do seu amor.

Entretanto e por isso mesmo que o segredo [209] desaparecera, o negro tornou-se mais exigente e, aos domingos e dias santificados, reclamava com renitência a companhia de Esméria, que raramente podia condescender nesse ponto, presa como se achava ao serviço interno da casa da família.

— Esméria trabalha sempre? Em quê? — perguntou-lhe uma noite Pai-Raiol.

— Cozinho; quando não cozinho, engomo; quando não cozinho nem engomo, cuido das crianças, meus senhores-moços.

— E não tem domingo?

— Nunca.

— O cachorro é melhor; passeia quando quer; o negro da roça é pior do que o cachorro, mas é melhor que Esméria, porque tem domingo.

— É assim mesmo — disse a crioula tristemente.

— Mas Esméria vive contente...

— Seria pior andar triste: guardo a tristeza e a raiva aqui.

E a escrava apontou para o coração.

Pai-Raiol soltou horrível risada, arreganhando a fenda que lhe separava pelo meio o lábio superior.

[210] — De que ri você, Pai-Raiol?

— Do coração de negra escrava.

Esméria ressentiu-se e murmurou:

— Também é negra e vil a fornalha, porém, às vezes, dela salta a brasa ou rompe a labareda que queima...

O Pai-Raiol calou-se.

Dias depois, na tarde de um domingo, ele viu de longe Esméria, que carregava o menino Luís, acompanhando os senhores em passeio pelo campo, e notou que Paulo Borges e Teresa por vezes se voltavam de preferência para outra escrava, que levava nos braços o filhinho nascido de poucos meses.

Pai-Raiol ficou meditando profundamente e, à noite, quando Esméria veio encontrá-lo, disse a esta:

— Menino Luís, pequeno tigre, pesa muito; por que Esméria não carrega o outro que nasceu?

— Porque eu não escolho: carrego aquele que me mandam carregar.

— Luís é mau.

— E o outro? Quem assevera que há de ser bom?

— Pai-Raiol não diz; mas o tigre velho gosta de brincar com ele.

[211] — Que tenho eu com isso?

— Chega muito ao pé da negra que carrega...

— Deixa-o chegar.

— Esméria negra é mais bonita do que sua senhora branca.

A crioula compreendeu em toda sua extensão a ideia perversa do Pai-Raiol e a ela abriu o coração sensual, ambicioso, atrevidamente vaidoso e não menos vingativo.

Teresa não era uma senhora formosa, mas, posta mesmo de lado a superioridade física de raça, era bem-feita, engraçada e mimosa de rosto e de figura a não admitir comparação com a crioula.

Todavia, Esméria estava convencida de que era, como acabava de dizer o negro, muito mais bonita e elegante do que sua senhora. Essa

petulante convicção é especialmente nas escravas crioulas mais comum do que se cuida. Os senhores imorais são muitas vezes os culpados de semelhante presunção.

Mas Esméria fingira não entender o conselho do Pai-Raiol.

— E que vale ser eu mais bonita? — perguntou.

— Precisa que o senhor veja, que velho tigre chegue perto.

[212] — E para quê?

— Esméria sabe.

— Sou negra e escrava.

— Negra também é mulher, e escrava que amansa e abraça o senhor corta as unhas do tigre.

— Mas, Pai-Raiol, você que me quer sua companheira é quem me lembra que eu seja de meu senhor?... Para quê?

— Pai-Raiol sabe que Esméria engana quando pode; pois engana com o senhor... é bom... é melhor...

— Por quê?...

— Amansa velho tigre... faz chorar velha tigre... faz bulha em casa... vira a cabeça do senhor... é bom...

— Se, porém, ele me tomasse... havia de querer que eu fugisse de Pai-Raiol.

— Esméria fugia... mas Pai-Raiol chama quando quer... quando a porta da senzala de Esméria tem risco de carvão, Esméria vem; se não vem, Pai-Raiol mata.

— Por que me ameaça?... Antes quero viver como vivo.

— Pai-Raiol não quer. Esméria precisa amansar tigre velho; depois Pai-Raiol ensina mais.

[213] A crioula passou a noite sem poder dormir. O dia seguinte era santificado, e ao romper da aurora os dois escravos saíram a passear juntos, enquanto Esméria esperava a hora de começar o seu serviço na casa da família.

O passeio tomou a direção dos fundos da casa dos senhores. O negro insistia ainda no conselho ou ordem que dera a Esméria, a qual continuava a fingir-se hesitante.

Por acaso os dois viram diante de si uma linda ninhada de pintainhos que a galinha-mãe, cacarejando, conduzia pelo campo.

O terrível negro, que conhecia a influência do terror, aproveitou o ensejo e disse à crioula:

— Pai-Raiol pode muito, e sabe matar com os olhos; Esméria quer ver?

A crioula não respondeu, mas o negro fixou os olhos na ninhada de pintainhos, como se os quisesse absorver nas órbitas.

O Pai-Raiol não tinha ideia alguma do magnetismo, mas, extraordinariamente dotado de força magnética que só empregava para fazer mal, sabia que lhe era fácil servir-se do *olhado*, adjetivo que exprime uma realidade que, por inexplicável à ignorância, põe em tributo de quiméricos temores a imaginação dos supersticiosos.

[214] Esméria considerava, contemplava ansiosa o negro que, imóvel e de olhos fitos, mirava a ninhada infeliz.

De repente, o primeiro pintainho caiu, depois sucessivamente todos os outros foram também caindo.

— Pai-Raiol, quando quer, mata com os olhos — disse o negro, voltando-se.

XII

[215] Esméria não era uma simples e pobre vítima do terror que a avassalava ao Pai-Raiol, nem só por obediência ia pôr em ação incentivos libidinosos para excitar a atenção e os desejos criminosos de seu senhor.

Muito antes do conselho e da ordem refalsada do Pai-Raiol, ela, como tantas escravas no mesmo caso, sorrira à ideia de traição à confiança e à estima de sua senhora.

Paulo Borges não escapara ao que não escapam outros muitos senhores de escravas; todas estas calculam com a fraqueza imprudente, desmoralizadora da casa e da família que aqueles pode abaixar ignobilmente até fazê-los ir procurá-las: Paulo Borges não escapara ao que não escapam [216] os mais moralizados e ainda os mais severos senhores de escravas, dos meios absurdos mas sempre nojentos e asquerosos que elas estupidamente empregam para *amansar* e *atrair*: ora bebera o café feito com a água do banho da escrava, ora, de mistura com a sopa e os pratos do jantar, sem o saber, sem o pensar, tomara substâncias sempre mais ou menos imundas. Não eram venenos, eram, porém, torpes, e, se fossem sabidas, repugnantes, e nauseabundas as aplicações para *amansar* e *atrair*, em que todas as escravas têm fé e que quase todas as escravas fazem provar repetidamente aos senhores.

Não tendo conseguido nem uma só vez despertar a atenção de seu senhor, Esméria perdera a esperança de *fazer sua fortuna*, enfeitiçando-o por aqueles recursos da mais esqualida e brutal magia, e desde muitos meses que a eles o poupava pela improficuidade das aplicações.

Mas o Pai-Raiol acendera de novo no seio da crioula as flamas da luxúria excitada pela ambição e pelo prazer maligno de atormentar sua excelente senhora.

Esméria seguiu à risca as lições de Pai-Raiol: simulou-se tomada de afeição pelo menino recém-nascido que, amamentado por Teresa, não [217] se prendera a escrava alguma pelo instintivo interesse e reconhecimento do leite nutritivo; menos agreste e mais paciente que as parceiras, parecendo amorosa, aproveitava as horas vagas do serviço para tomar nos braços a criancinha e brincar com ela, que em breve começou a distingui-la e preferi-la às outras escravas.

O amor dos pais tem sempre raios de gratidão que refletem naqueles que lisonjeiam, afagam e cercam de cuidados seus filhos: Teresa foi a primeira a fazer notar o solícito interesse de Esméria pelo seu filhinho e a divertir-se com os infantis ciúmes de Luís e de Inês, e Paulo Borges, de volta da roça, pedia sempre o menino, que muitas vezes lhe era apresentado nos braços da crioula.

No tempo da moagem, Esméria, passeando à tarde com o recém-nascido ao colo, ia ao engenho e lá, na ausência da senhora, procurava aproximar-se do senhor, brincando risonha com o menino e, sob pretexto de fazê-lo rir e de alegrá-lo, dava aos olhos fogo, aos jeitos e aos meneios do corpo como que descuidada desenvoltura de movimentos.

Quase sempre o senhor a chamava para também ele acariciar o filhinho, e então, [218] menos acanhada, mas sem deixar entrever desrespeito nem atraiçoar-se nos cálculos, se mostrava expansiva e agradável ao pai pelos mimos com que divertia a criança.

Enfim tantas vezes em tantos dias, Esméria se insinuou ora com o pequenino nos braços, ora distraíndo com jogos pueris os exigentes e ciumentos Luís e Inês, tomando sempre posições estudadas para ostentar suas proporções físicas, dando ao andar ensaiados requebros, olhando a furto o senhor e abaixando logo os olhos com aparências de respeito profundo; oferecendo-se petulante, mas dissimulando a intenção; desafiando instintos animais em atitudes que fingia distraidamente tomadas, que acabou, após insistente diligência e paciente esforço por conseguir a primeira vitória, aquela que prepara e facilita as outras.

Paulo Borges olhou para Esméria e viu que, além de escrava, ela era mulher.

O Pai-Raiol forjava naquele olhar do senhor lançado sobre a escrava a tremenda chave que devia abrir a porta da perdição da família de Paulo Borges.

XIII

[219] O senhor que se degrada ao ponto de distinguir como mulher uma sua escrava é mais do que imoral, é um imprudente e desassisado que põe em desgoverno a própria casa e levanta em trono de ignomínia a escravidão corrupta elevada à senhora.

Há, em semelhante erro, lamentável esquecimento do dever e sacrifício de dignidade. A torpeza da escravidão é contagiosa e se inocula na vida doméstica do senhor que ousa expor-se ao contato vergonhoso com a escrava. Acaba a disciplina e a ordem na casa: as outras escravas murmuram

invejosas; a que foi distinguida levanta os olhos altanada, o senhor abaixa os seus em confusão e arrependimento.

[220] Mas se o senhor é casado e pratica essa escandalosa infidelidade à esposa, o mal é mil vezes maior e raro falta o castigo que confunde os inocentes com o culpado. Esse senhor e marido louco não o pensa, mas, no delírio dos sentidos, ergue a escrava até a altura de sua pobre mulher, a quem, portanto, avilta e a si se rebaixa até as misérias daquelas a quem se igualou bebendo com ela no mesmo copo a embriaguez mais ignóbil.

Isto é assim sob o ponto de vista moral e dos costumes; basta um só erro, ainda mesmo filho do delírio, da vertigem de um momento para, conhecido, plantar a desconfiança e o constrangimento no leito conjugal, ignorado, deixar o remorso no coração do infiel; se, porém, o erro se repete, se o vício ou a corrupção ou essa tantas vezes inexplicável aberração dos sentidos, essa malícia moral prendem o senhor à escrava e dela o tornam frequente possuidor, o erro é crime e não há imaginação que possa medir as proporções de seus resultados desastrosos.

E o grande perigo não está no fato do adultério, que, aliás, de parte a parte é sempre igualmente condenável; o grande perigo está na [221] condição da mulher em quem se realiza o adultério; está na condição da escrava que, tendo feito dessa mulher inimiga natural, inimiga lógica e indeclinável de seus senhores e especialmente de sua senhora, aproveita para a vingança, para as maldades, cujo limite ninguém pode marcar, o crime do senhor que infamemente a erige em rival de sua senhora pelo só escândalo do adultério insistente com rival preferida.

Em circunstâncias tão inexprimíveis, pelo infinito horror da resultante afronta da família e escândalo da casa, a madre-fera escravidão exulta,

pondo em torturas, envenenando, desonrando, desgraçando a vida dos senhores.

Dizei, se o ousais, que não é assim; negai que se tenham dado, que se deem ainda hoje exemplos fatais de tão formidável infortúnio doméstico; e, se não ousais dizê-lo, se não podeis negá-lo, reconhecei que nos temos desmoralizado, que nos desmoralizamos pela influência da escravidão; que a escrava, como o escravo, são fontes de venenos abertas e conservadas em nossas casas; reconhecei sobretudo que no Brasil quem mais padece, quem mais se atormenta, quem mais se arrisca, [222] quem mais vezes sofre vilipêndio pela existência da escravidão é a mulher livre; é a mãe de família, é a senhora, a pobre martirizada de todas as horas, a pobre vítima algumas vezes indignamente ultrajada na esteira da escrava.

Ainda um exemplo do adultério hediondo que faz da escrava rival da senhora, rival preferida que desordena a casa, enluta a família e é cratera aberta do vulcão que espalha a ruína.

Paulo Borges amava Teresa; mas, grosseiro escravo da sensualidade, sofismava para desculpar-se do crime de lesa-fidelidade à esposa, contando que o mistério e o segredo escondessem sua degradação, a ofensa que irrogara a sua mulher e jurando a si próprio que não seria duas vezes adúltero procurando Esméria.

O juramento se fundava em experiência inconfessável. Paulo Borges, como tantos outros, tinha, não raramente, se humilhado até a baixeza de escravas suas, que nem por isso se haviam levantado depois acima do desprezo da sua condição.

Honrado e escrupuloso em seus negócios, Paulo Borges dava pouca importância à severidade dos costumes e, reputando a castidade [223]

virtude somente imperiosa para as senhoras, julgava-se irrepreensível porque não se sujeitava a ligação alguma que não fosse passageira.

A sua moralidade era a de muitos: era um véu escondendo opróbrios ou fraquezas indignas.

Paulo Borges procurou e possuiu facilmente Esméria.

O demônio da lascívia deu poder à crioula. Possesso da depravação, Paulo Borges, o senhor, amou fisicamente Esméria, a escrava.

A calculada extravagância de um dia tornou-se o vício, primeiro de muitos, depois de quase todos os dias.

O senhor, o velho senhor ficou escravo da sua escrava.

XIV

[225] A realidade cruelíssima não tardou a tocar os olhos e a penetrar como punhal envenenado o coração da vítima.

Teresa, a incauta, estremeceu um dia ao luzir da primeira suspeita do adultério e da traição; apiedada de si mesma, abraçou-se com a dúvida; mas, dissimulando a revolta de seu orgulho e os sobressaltos do seu amor, observou cuidadosa e incessante o marido, e infeliz passou das suspeitas aos indícios mais veementes: não podendo mais duvidar, a pobre louca imaginou que se vingaria na confusão dos culpados; cega e surda se fingiu, acalmou os ímpetos de iradas acusações com que excitara prudentes cautelas do adúltero, tornou-se aparentemente [226] tranquila e cheia de serena confiança, e por fim surpreendeu algum sinal, ou adivinhou um ajuste escandaloso e, delirante de cólera, em convulsivo tremor... foi... chegou... e viu o assassinato da sua felicidade e da paz da família.

Esméria contava desde muitos dias com o nefando caso: não lhe tinham escapado os assomos de cólera e os sinais da desconfiança da senhora, mas logo que se supôs vício dominante de Paulo Borges, desde que conheceu que alucinara os sentidos do senhor com a embriaguez aviltante, animal da luxúria mais desenvolta, baniu do seio o medo de escrava, mal se contrafez pelo simples hábito de hipocrisia e desejou e quase que provocou a prova evidente da sua traição à Teresa e do adultério de seu senhor.

A esposa ultrajada, embora certa de receber o golpe que fora procurar, entrou em violenta crise nervosa em que a convulsão se misturava com as lágrimas de raiva que abrasam os olhos e com as frases, as palavras roucas difíceis, trêmulas, e com o grito doido, e com as contrações dos primeiros momentos do supremo ciúme da mulher casada.

Esméria em pé, com os olhos no chão, fria e [227] indiferente, sem dúvida dentro de si satisfeita do vergonhoso e infame caso, apenas às vezes recuava diante de Teresa, que, aliás, só parecia ver o adúltero.

Paulo Borges, finalmente, perturbado, abatido, confundido a princípio, surgiu revoltoso desse constrangimento e da vergonha do seu crime, e, insolente e brutal, sem generosidade e sem brio, soltou um brado feroz, agarrou no braço da esposa, e:

— Vamos para casa! — disse.

O insólito proceder do marido, que ainda pela segunda vez ofendia a mulher, despertou nesta a dignidade que o arrebatamento da cólera fizera esquecer.

Teresa, com rápido e forte movimento, arrancou o braço que Paulo Borges agarrava, lançou-lhe um olhar de soberana altivez da virtude e, voltando-lhe logo as costas, retirou-se.

— Estou perdida!... — murmurou, tremendo e chorando a pérfida crioula, que nem tremia nem chorava.

— Não há de ser nada... — disse Paulo Borges de mau modo. — Fica na senzala hoje e amanhã; depois veremos...

E contrariado e aflito deixou a sós Esméria, [228] que não se descuidou de ir passar a noite na senzala do Pai-Raiol, seu amante e conselheiro.

O verdadeiro amor é puro, honesto, suscetível e, como a água límpida de fonte solitária que se tolda com a enxurrada que a invade, se ressentida da menor quebra e se embaça com a primeira infidelidade no próprio coração do infiel; a diferença é que a fonte reconquista sua limpidez, e o amor não pode reaver sua virginal pureza: quem traiçoa a quem ama deixa de amar.

Paulo Borges amara verdadeiramente sua esposa durante um ano: depois amou-a como tantos amam, mentindo à fidelidade conjugal, estimando-a pelo conhecimento de suas virtudes, preferindo-a pelo encanto de suas graças, respeitando a sua vontade por hábito e por certeza do seu bom-senso; mas ofendendo-a sem consciência das ofensas, porque a pureza e o melindre do amor não existiam mais.

Estulta e torpemente preso à devassa crioula, o aviltado e infeliz fazendeiro passara a ver na mulher um embaraço ao desenfreamento de sua paixão ignóbil, um objeto incômodo que lhe acordava os remorsos, um estorvo, uma punição, um peso: desde então, o vendaval do vício [229] e da corrupção varreram da alma de Paulo Borges os restos do antigo amor que tributara à digna e carinhosa esposa.

O adúltero, deixando a crioula, vagou em torno da casa por muito tempo sem se atrever a entrar: enfim resoluto, havendo nas vertigens de seu

espírito agitado concebido um plano de vida doméstica que se baseava no emprego da tirania e da imposição do seu capricho despótico, foi arrostar as iras da esposa.

Arrojo inútil! Teresa fugira à câmara nupcial e se trancara em um gabinete afastado daquela.

Paulo Borges aplaudiu-se desse recurso tomado pela esposa para se poupar a uma cena desagradável e tormentosa; passou a tarde e a noite sem ver Teresa; na manhã seguinte, foi para a roça sem tê-la visto; de volta para casa ao anoitecer também não a viu.

Oito dias se passaram assim. Na ausência do marido, Teresa saía do gabinete, alimentava-se suficientemente para não morrer de fome, cuidava dos filhos e governava a casa, olhando para as três crianças.

Nesses oito dias, temperou-se a alma da pobre vítima para viver vida de martírio, ensaiou [230] suas forças, fez estudos de paciência e achou-se forte.

Teresa voltara para casa com uma ideia infernal, a de vingar-se, matando-se; mas logo ao entrar encontrou os seus três anjos que a salvaram: submeteu-se a viver pelos filhos. Reputou-se viúva: Paulo Borges era daí em diante, como marido, morto; como homem vivente, absolutamente estranho para ela. Não pensou em separar-se legalmente do esposo nem retirar-se para algum dos sítios da fazenda menos pelo escândalo do que pelos três meninos, por amor dos quais, embora com repugnância, conservou a direção do serviço da casa. Não se humilhou ao ponto de indiciar ter ciúmes de Esméria; desprezou a criatura vil que lhe pagara a confiança e a estima com traição malvada: limitou-se a ordenar que

lhe permitissem entrada na cozinha e esqueceu-a, ou deixou-a atirada e livre no campo e na senzala.

Passados os oito dias, Teresa, na manhã de um domingo e apesar de saber que seu marido estava em casa, saiu do gabinete, como praticava nos outros dias na ausência dele.

Paulo Borges a viu então: ela estava pálida [231] e magra, mas serena; envelhecera vinte anos em oito dias: muitos dos seus longos e negros cabelos tinham embranquecido.

Encontrando-a de passagem na sala de jantar, o marido saudou-a melancólico e respeitoso; ela correspondeu à saudação como se se dirigisse a um desconhecido.

Paulo Borges sentiu-se comovido; lembrou a vida passada, a felicidade que devera àquela senhora, lembrou a mãe de seus filhos, enterneceu-se, maldisse da sua loucura e, procurando e tomando o passo à sua vítima, estendeu para ela um braço, ofereceu-lhe a mão e disse:

— Perdão, Teresa!

Mas a esposa ultrajada recuou e respondeu:

— Sou viúva.

XV

[233] A sentença que Teresa acabava de proferir com tão desabrida concisão caiu como uma camada de gelo na alma de Paulo Borges, que se afastou triste, mas ressentido.

O marido ofensor não quis compreender que oito dias eram prazo muito curto para o arrefecimento da lembrança da afronta recebida pela

esposa e que lhe cumpria contemporizar com a dor ainda vivíssima do golpe recente e profundo.

Não era verossímil, porque não era natural, que o tempo e o perdão restabelecessem em toda sua plenitude o amor e a confiança da esposa: as feridas morais que o coração recebe em seus mais delicados sentimentos chegam a curar-se, [234] mas deixam cicatrizes que nunca se desfazem de todo e que são como escabrosidades do passado que magoam a memória revivadora dos bens e dos males ainda mesmo já de muito pretéritos.

Mas Paulo Borges tinha na família os elementos poderosos, irresistíveis da sua reconciliação com Teresa, tinha os filhos que os unia a ambos pelo sangue, pelo amor e pelos cuidados do presente e do futuro; tinha esses laços obrigados e santos da natureza e que não há ressentimento, conflito, desarmonia entre pai e mãe que eles não saibam anular e destruir pelas próprias condições de sua dependência de ambos e pela necessidade da proteção e da providência do pai e da mãe que precisam velar e operar de acordo em benefício dos filhos.

Sem dúvida, o amor maternal acabaria, e não tarde, por conceder o perdão do adúltero que ultrajara a esposa e senhora em repugnante e sórdido favor por amante escrava recebido; mas para isso era indispensável que Paulo Borges provasse com honesto e solícito proceder o arrependimento de seu crime ou dos seus desvarios, que poupasse, que não despedaçasse as últimas fibras sãs ou apenas dolorosas que a [235] lembrança dos filhos tinha salvado no coração de Teresa.

Mas não aconteceu assim: Paulo Borges, possesso da negra astuciosa e frenética, ainda mais exposto à sua influência satânica pela privação do leite da esposa; Paulo Borges, natureza fortemente animal e em dobro

exigente pela vida rústica, vigoradora do corpo, exclusivamente material e sem o adoçamento da educação, e dos gozos do espírito, esqueceu o dever, o brio, a honra, a perspectiva do inferno da casa e do extremo desengano de Teresa, e entregou-se indômito à fúria de suas relações oprobriosas com Esméria.

Pouco e pouco, os derradeiros e tenuíssimos véus de mal fingida reserva se rasgaram; quanto havia ainda de estragados restos de brio desapareceu, e Paulo Borges, o fazendeiro casado, atropelando a decência, insultando ampla e manifestamente a esposa, semeando a indisciplina e a mais perigosa desmoralização na fazenda, frequentou de dia e aos olhos de todos a senzala de Esméria.

A escravidão regozijava-se em seus ferros da desgraça que forjava, levando a vergonha, a [236] desonra, a infâmia e as torturas ao seio da família dos senhores.

O sofisma acode, dizendo: para esse fazendeiro casado, mas homem sensual, haveria sempre uma mulher fácil, ambiciosa ou pervertida que, por não ser escrava, não faria menos a infelicidade da esposa atraçoada.

Haveria, sim, mas não seria escrava amante de seu senhor, não seria a inimiga natural dos senhores elevada à rival da senhora, não seria esta a dilacerar-se em seu nobre orgulho esmagado ao ver a negra, sua escrava, usurpando-lhe amor, autoridade, direito, ao ver seus filhinhos expostos e sujeitos à influência maléfica, odienta, terrível da própria escrava deles, mulher inimiga pelos ressentimentos de sua condição, perversa e corrompida pelos costumes; ao ver a fortuna da família ameaçada pela escrava-rainha, sacerdotisa dos vícios imundos, estragadora da fazenda pelos desatinos do fazendeiro, pela conseqüente arrogância e

desnorteamento dos escravos que e aplaudem, aborrecem e exploram a elevação da parceira, e desrespeitam, apodam o senhor desmoralizado que desceu à baixeza deles, pelos ciúmes enfim das outras escravas que disputam o sultão à [237] favorita, travam brigas indecentes que maculam a casa, ridicularizam e insultam a vítima infeliz, a senhora obrigada pelo marido a sofrer suplício que não merece.

E, não o esqueçais, felizmente não muitos, alguns exemplos dessa abjeção do senhor que é casado, e mais numerosos entre os senhores que o não são, têm sido bastantes para que quase todas as escravas acreditem na possibilidade de conseguir igual fortuna e visam em constante e latente conspiração contra a felicidade e a paz doméstica das senhoras.

Vivendo só de amor e pelo amor, tendo o seu presente e o seu futuro, a chave dos seus tesouros, o condão da sua dita, toda a perspectiva do seu destino dependentes do amor, a mulher, o mito do sentimento, é, nos países onde ainda se tolera a escravidão, condenada a viver entre escravas, inimigas que por meio de embustes, intrigas, calúnias contra ela, por meio de invites, provocações dos senhores maquinam dia e noite e incessantemente para envenenar-lhe o santo fogo da sua vida, o sentimento, para roubar-lhe sua única e exclusiva riqueza — o amor!

Contra esse imenso mal procurai um [238] recurso e acreditareis ter achado dois em extremos opostos.

Um: vencer a maldade dos escravos pelo mimo do trato e pela caridade e beneficência perseverantes: engano; o ressentimento lógico e natural da escravidão faz, cedo ou tarde, da protegida ingrata, que nunca lembra os benefícios, antes escusa o esquecimento deles quando, ao

impulso do vício, da ambição calculista ou do desejo de abater a senhora, levanta os olhos para o senhor e desafia a sua sensualidade.

Outro: a severidade compressor e até mesmo cruel para desanimar o atrevimento e conter a audácia: novo engano, e pior que o outro: a compressão provoca a reação, a crueldade, a vingança feroz, e, além da inconveniência do meio, haveria em tal caso para os senhores um peso da consciência, a ofensa da lei de Deus e da humanidade na atribulação dos escravos.

Fora desses dois improficuos recursos, nenhum mais: se fizésseis instruir vossos escravos na religião dos seus deveres, instrui-los-íeis também e necessariamente na religião de seus direitos de homens e teríeis educado e preparado a resistência inteligente dos oprimidos.

Não há recurso, pois: aquele imenso mal [239] é, como outros muitos, consequência irrecusável da escravidão e só acabará com ela.

Paulo Borges, portanto, havia descido ao último grau da ignomínia e era já ostensivamente o amante de Esméria, e trancava assim o caminho da prudência e do arrependimento por onde podia chegar à reconciliação com a mãe de seus filhos.

Teresa afetava indiferença ou desprezo; ninguém lhe ouvia jamais uma queixa ou uma imprecação; mas, recolhida à solidão do seu gabinete, abraçava-se com os filhos e por eles chorava noites inteiras.

XVI

[241] O Pai-Raiol não estava ocioso; mas, à semelhança do fogo da cova de carvoeiro, destruía ou conspirava para destruir em tenebroso mistério.

As relações de seu senhor com Esméria impunham-lhe a necessidade de precauções para não se expor à cólera e aos prováveis ciúmes grosseiros de Paulo Borges: com a crioula já se achava de inteligência; tratou, pois, de enganar àquele e aos parceiros. Com esse propósito, afetou ainda mais sombria tristeza e pareceu acabrunhado: dias depois, como a procurar consolações, aproximou-se das outras escravas, pretendendo-as e perseguindo-as.

Lembrados do desprezo e do mau-trato com [242] que Pai-Raiol sempre os repelira e molestara, muitos dos parceiros, por sua vez, o desprezaram, galhofando indecentemente sobre o seu suposto infortúnio; não assim as parceiras que, depravadas, o aceitaram prontas pelo hábito da licenciosidade, não interrompendo com a repulsa do Pai-Raiol o quadro sórdido da devassidão desenfreada que aos olhos das famílias livres incessante, incorrigível, sem vergonha nem consciência ostenta a escravidão.

Entre tantas escravas, porém, houve uma, e foi a primeira, que resistiu ao Pai-Raiol e não quis entrar na série das fáceis conquistas deste: a oposição excitou de balde os desejos brutais do negro africano.

Era também crioula a negra que se isentava do Pai-Raiol; coabitava com um escravo da fazenda de quem tinha dois filhos; cansada das perseguições daquele, lançou-lhe em rosto a sua hediondez, enquanto o companheiro ameaçou-o e provocou-o com injúrias atiradas principalmente às deformidades de seu rosto e aos seus senões físicos.

Pai-Raiol retraiu-se; sentiu-se ferido em seu grotesco melindre. Em geral, o negro africano não perdoa a quem ridiculariza ou lhe lança [243] em rosto a sua fealdade. Pai-Raiol, mais que nenhum outro, se enfurecia com

esse vilipêndio, por isso mesmo que era horrível de aspecto; moderou-se, porém, fez as pazes com os dois parceiros, frequentou-os, e uma noite levou-lhes à senzala um boião de café e uma garrafa de aguardente. A noite estava escura e o regalo foi à porta da senzala; o feiticeiro, que não passava de envenenador, em vez de beber, despejou sorratamente no campo a tigela de café que lhe tinha sido dada em partilha.

No dia seguinte, havia quatro escravos doidos na fazenda de Paulo Borges, duas pobres crianças e o pai e a mãe dessas infelizes. Por celeratez requintada, o envenenador lhes dera a loucura que poucos meses devia preceder a morte para arrancar à crioula doida o que ela lhe negara com juízo.

O crime ficou sepultado no mistério, e o assassino, impune e incapaz de remorsos, tigre solto no meio de homens, esqueceu depressa esse episódio de sua vida malvada e concentrou-se no empenho do desenvolvimento de vasto e truculento plano.

As visitas feitas em desoras por Esméria à senzala do Pai-Raiol tinham, por cautela exagerada, [244] diminuído ao ponto de se tornarem raras: quando o terrível negro queria ou precisava falar à crioula, fazia o sinal convencionado e nunca em vão esperava.

Como outras vezes, Esméria acudiu à meia-noite ao convite que achara em um risco de carvão traçado na porta de sua senzala.

O africano abraçou a crioula amante de seu senhor; depois disse-lhe:

— Pai-Raiol não está contente.

— Por quê?

— Esméria não entra mais na casa da família, nem chega mais à porta da cozinha.

— A senhora assim o ordenou e ela *ainda* é dona da casa.
— Precisa não ser: Pai-Raiol quer que Esméria vá para a cozinha.
— E como? É impossível.
— Não: Esméria conta a velho tigre que escravos da fazenda vão de noite bater à porta da sua senzala.

— E para quê?..
— Faz ciúmes, e o velho tigre tem raiva.
— Ele quererá saber quem são esses escravos: que lhe direi?... O senhor não suspeitará de você, Pai-Raiol?... E depois?..

[245] — Deixa: Esméria diz que não é Pai-Raiol, porque ele anda enfezado e que não sabe quem é que vai bater. Pede para dormir em casa.

— A senhora se opõe.
— A senhora é Esméria: a crioula cortou as unhas da mulher tigre; mas precisa entrar na cozinha... precisa...
— Com que fim? Na senzala eu tenho liberdade...
— Pai-Raiol quer fazer Esméria dona da casa... depois tem mais que fazer.

— Pois bem: eu direi ao senhor que sou perseguida...
O negro pôs-se a rir com o seu medonho riso: ele sabia que a crioula não era menos devassa que dantes.

Esméria, embora desbriosa e petulante, se constrangia por medo diante do Pai-Raiol e, para escapar ao seu rir horrível, disse-lhe:

— Mas, se eu for dormir na casa e voltar ao antigo serviço, não terei mais ocasião de vir falar-lhe e vê-lo...

— Quando Pai-Raiol quiser falar a Esméria, irá de volta da roça e já noite para as laranjeiras do quintal da casa, e há de assobiar como a cobra.

[246] — E se eu não puder ir encontrá-lo?

— Pai-Raiol volta na outra noite e a cobra assobia.

Esméria como que refletia sobre o que mais lhe convinha, se a liberdade da senzala para a sua vida dissoluta, se o audacioso, lisonjeiro, e perverso arcar com a senhora para usurpar-lhe o governo da casa.

E, justa condenação do senhor abjeto, nem o africano nem a crioula se lembravam um só instante de calcular com a possibilidade da sua resistência à vontade revoltante da escrava.

Mas o negro pôs termo pronto às reflexões de Esméria.

— Pai-Raiol quer — disse-lhe em tom absoluto e definitivo.

— Pois sim — respondeu submissa a crioula.

XVII

[247] Não era só Teresa que padecia pelo frenesi da paixão criminosa e torpe que escravizava o senhor aos pés imundos da escrava.

O castigo do depravado começara cedo, começara logo após o esquálido domínio do seu vício miserável.

Para não deixar em amplo gozo de liberdade a crioula banida do serviço doméstico e entregue à ociosidade, Paulo Borges abandonava frequentemente a direção do trabalho de suas roças que notavelmente se amesquinham: de balde contratou ele um feitor, cujos olhos e interesse não eram os do fazendeiro. Em sua ambição de grandes lucros e de riqueza, o depravado [248] sofria, impacientava-se, mas não podia vencer os assomos da paixão esquálida.

E isso era o de menos: o adúltero era pai, amava seus filhos e via-se privado do antigo e suavíssimo encanto que o transportava, quando de manhã, antes de sair para roça, quando ao anoitecer e de volta da roça a carinhosa esposa e mãe lhe apresentava os três anjinhos, fruto de seu amor honesto e puro.

Esses gozos, Paulo Borges não desfrutava mais: se queria ver os filhos, precisava pedi-los, e então era uma escrava que os trazia confusos, tristes pela ausência da mãe e olhando espantados, desconfiados para o pai que os abraçava e beijava sem a santa expansão de outro tempo e com o confrangimento do remorso de quem sabe que quem ultraja a mãe ultraja os filhos.

Um dia, Paulo Borges perguntou a Luís:

— Que faz tua mãe?...

— Chora muito — respondeu o menino.

O adúltero empalideceu: duas grossas lágrimas caíram de seus olhos sobre a cabeça do filho.

— E por que chora ela? — tornou.

— Mamãe não diz, chora sem falar.

— Mas então...

[249] — Papai não vê mamãe... papai é mau...

Paulo Borges entregou o menino à escrava e fugiu a soluçar, a maldizer do seu destino e a praguejar contra a escrava-demônio por quem se achava dominado; fugiu, correu para o campo e viu Esméria à porta da senzala: ao aspecto da escrava que o alucinara, avançou furioso para ela e, chegando com andar acelerado, parou a dois passos, fitou na crioula enraivecido olhar e disse:

— Demônio!

Esméria pareceu tomada de espanto; depois serenou, respondeu:

— É melhor assim.

Paulo Borges bateu com o pé e perguntou:

— Que dizes tu, demônio?

— Que é melhor assim: é preciso que meu senhor acabe isto.

— E há de acabar... sim...

— Não fui eu que tive a culpa... — disse Esméria. — Eu sabia que era negra escrava... não é a escrava que chama o senhor... bem sabe... minha senhora me estimava, e agora...

— Ela tem razão... não hei de atormentá-la mais por tua causa...

— Sei que ela tem razão... fui falsa à minha [250] senhora, porque não pude resistir ao mandado de meu senhor... é preciso que isto acabe... por isso eu queria pedir hoje a meu senhor que me vendesse...

Paulo Borges fez um leve movimento de surpresa e desagrado: começava a esquecer os filhos e o dever.

— Pensas que não sou capaz de fazê-lo? — perguntou.

— Peço a meu senhor que me venda: um de meus antigos senhores moços me comprará se eu for chorar a seus pés... sei que o ano passado ele herdou fortuna...

— Vender-te-ei a outro! — bradou Paulo Borges.

— Ainda assim; peço venda a meu senhor.

E isso dizendo, a crioula voltou-se e foi sentar-se tristemente a um canto da senzala.

Sem ressentir-se do desrespeito com que a escrava o deixara e forasentar-se, Paulo Borges daí a pouco entrou na senzala e perguntou em tom menos iracundo:

— Que aconteceu de novo, Esméria?...

A crioula levantou-se, enlaçou as mãos na altura do baixo ventre, arqueando os braços de modo a tornar salientes os seios mal encobertos, [251] e ostensiva a parte anterior do tronco, e pondo os olhos no chão, disse:

— Não há nada de novo: fui lançada fora da casa onde eu trabalhava de dia, e minha senhora tão boa tem razão de me aborrecer...

— Mas não te atormenta ao menos...

— Antes me atormentasse! Já não vejo mais, senão de longe, os meus senhores-moços, e atirada no campo...

— Não trabalhas, vives como forra... e te queixas!

— No outro tempo, eu era perfeita escrava, agora não sei que sou: meu senhor me tomou para si, mas deixou-me de noite abandonada na senzala, negra escrava entre os seus parceiros que são atrevidos...

— Queres dizer... desejas voltar à casa?... Mas dantes dormias como agora na senzala e não tinhas medo...

— Dantes eu não era de meu senhor e negra escrava abria a porta de minha senzala ao parceiro que me agradava.

Paulo Borges não se vexou da petulância com que a crioula dava testemunho franco da antiga desenvoltura, que, aliás, não se desmentia ainda.

[252] — Seja como for — disse ele —, não posso ofender mais minha mulher fazendo-te entrar na casa contra suas ordens e muito mais recolher-te de noite sob o mesmo teto em que ela dorme.

— É por isso que eu peço venda a meu senhor: é verdade que me parece que já não ando boa... mas meu senhor pode mandar forrar seu filho...

O adúltero teve um sobressalto e turbou-se a esse anúncio que faz a glória do amor honesto; disfarçando como pôde sua perturbação, disse:

— Não te venderei. Tu me dirás quais são os escravos que te vão bater à porta de noite.

— Escrava como eles e abandonada no meio deles, não hei de denunciá-los para que sejam açoitados por minha causa, expondo-me ao seu ódio e à sua vingança.

Paulo Borges irritou-se.

— Eles te perseguem e não os denuncias para serem castigados? É porque gostas da perseguição e sem dúvida recebes os teus parceiros!

— Sou negra escrava lançada no campo: animal solto e livre, se eu me desfornasse do desprezo em que meu senhor me abandona, abrindo a porta da minha senzala aos negros meus parceiros e do meu gosto, faria muito bem.

[253] O miserável senhor soltou dos lábios uma injúria indecente e uma ridícula ameaça.

A crioula encolheu os ombros como se dissesse *que me importa*, e, sem mudar a posição dos braços e das mãos, descansou o corpo sobre uma das pernas, fazendo avultar saliente a anca oposta.

— Que posso eu? — tornou ela. — Eu era de meus parceiros, meu senhor me tomou a eles; mas esquece-me, desampara-me, despreza-me de noite, e eles pensam que a noite lhes pertence; estou cansada de resistir; passo às vezes sem dormir até de manhã; pode isto continuar assim? Se arrombarem a porta da senzala?

— Gritarás — exclamou estupidamente o adúltero.

— Melhor é ceder — disse com desavergonhamento a crioula.

— O Pai-Raiol! — murmurou por entre os dentes Paulo Borges.

— Talvez entre muitos outros — respondeu Esméria. — Bem que o Pai-Raiol mostre agora detestar-me e fuja de mim, como de inimigo de quem tem medo; o Pai-Raiol é um mau negro que, se puder, se vingará de mim; mas além dele há tantos!... A preferência que meu senhor [254] me deu me fez desejada; agora todos os escravos me acham bonita; em seus fados, tenho cantigas de elogio, me chamam rainha das negras... Eles, os meus parceiros, me festejam, se apaixonam por mim... vêm bater e chorar à porta da minha senzala, lembrar-me o que fui para eles e o que eles foram para mim...

E a crioula insidiosa, olhando então fixamente o senhor e lendo em sua fisionomia os efeitos do veneno que lhe lançava no coração, continuou com desfaçatez inaudita:

— Eu também sou negra e escrava, criada na vida solta, animal abandonado e livre no campo, e não quero enganar a meu senhor... Assim como vivo, não me vencerei por muito tempo... Eu aviso: sou negra e escrava, tenho maus costumes antigos... Meu senhor não poderá depois queixar-se... Peço perdão, mas confesso: uma noite já cheguei a pôr a mão na chave da porta... Se isto continua assim, em alguma outra noite, Esméria enganará seu senhor e abrirá a porta...

Nova praga obscena foi a resposta do esquálido senhor.

A crioula fingiu-se alterada e sentida da injúria; começou a passear ao longo da senzala com [255] arrebatamento e artificial comoção, dando ao

corpo meneios indecentes e pondo o vestido em desordem grosseiramente libidinosa.

A rusticidade sensual de Paulo Borges exaltava-se provocada, alucinada pelos trejeitos obscenos da negra, que já o conhecia bem.

— Eu peço para ser vendida! Eu preciso sair desta fazenda! — exclamou ela, quase chorando.

Paulo Borges, o adúltero, Paulo Borges, o desvairado se curvou ante a negra, sua escrava, e escreveu nos seus pés a sentença da última degradação da esposa virtuosa e honestíssima.

No dia seguinte, e a despeito da vontade expressa de Teresa, Esméria entrou pela porta da cozinha da casa da família de Paulo Borges e teve ali quarto separado e distinto do dormitório das outras escravas internas.

XVIII

[257] Teresa suportou paciente e silenciosa a extrema afronta: quando de manhã saiu do seu gabinete e soube que por ordem de seu marido Esméria fora introduzida na casa e nela havia de dormir, depôs sobre a mesa da sala de jantar as chaves da dispensa e dos armazéns e recolheu-se, abandonando o governo doméstico.

Órfã e tendo apenas parentes afastados e mais ou menos indiferentes, privada, pois, de protetores naturais, sem esperanças nem recurso, esperou Paulo Borges, e à noite lhe foi falar sem alteração de voz, sem azedume de queixas, sem pretensão de direitos.

— Senhor, — disse ela — não sou mais a dona desta casa; peço-lhe o retiro de um sítio isolado [258] e a consolação da companhia de meus filhos;

peço isto só; quando quiser, verá as crianças; oportunamente as mandará educar e nós não mais nos veremos: isto convém a ambos.

Paulo Borges esbraveou encolerizado; Teresa insistiu com paciência e gravidade; vendo, porém, que o fazia debalde, retirou-se e, encerrando-se no seu gabinete, não tornou mais a aparecer.

A escrava ia marchando para o apogeu do seu poder sobre Paulo Borges, cada dia mais desprezível e abjeto.

Esméria assumiu efetivamente a direção e o governo da casa que pouco e pouco se foi desordenando; e nem podia ser de outro modo, porque, por um lado, as escravas parceiras da amante do senhor não podiam respeitá-la bastante, e, por outro, a crioula, que não conseguia ou não procurava vencer seus hábitos de devassidão, precisava frequentemente do segredo e da indulgência das companheiras para escapar aos furores de Paulo Borges.

O teto que abrigava a honestidade e onde a moralidade e a virtude exemplares de Teresa faziam do lar doméstico um templo de amores santos e de lições de costumes puros [259] transformou-se em inferno de anarquia e de deboche e em esgoto de desperdícios.

Para o vil adúltero multiplicavam-se os castigos: já tinha perdido o enlevo dos perfeitos gozos da família; já seu amor da riqueza se alvoroçava com os desbaratos da dispensa, com os furtos nos armazéns, com a elevação das despesas — como a embriaguez habitual à que sucede a prostração, o desgosto, a náusea, o rebaixamento moral, e também a irritação sequiosa e exigente do álcool envenenador — a turva, indecorosa e repugnante paixão que Paulo Borges tomara pela negra dava-lhe, após o frenesi, o remorso, o aborrecimento do seu viver, a consciência e a vergonha da sua torpeza,

embora o vício informe de novo e sempre o impelisse ao abismo de perversão.

Entretanto, esse sofrer do algoz não podia diminuir, antes mais agravava os padecimentos da mártir.

Teresa, que não reunia à grande soma de suas virtudes o dote precioso da energia, apenas defesava a sua dignidade no absoluto encerro do gabinete, onde em vida se sepultara, vivendo só para seus filhos cuja [260] companhia zelava, e onde unicamente admitia uma velha escrava a quem incumbira de levar-lhe as refeições diárias.

A pobre mártir só pensava nos filhos; era pelo pequenino que aleitava em seus seios que ela comia sem fome e pedia a Deus forças e coragem; era por Luís e Inês que não queria morrer e tinha medo da morte, ainda aborrecendo a vida.

E quando porventura se lembrava do indigno marido, do monstro que tanto a flagelava e tão horrorosamente a supliciava, a pobre mártir, a santa mulher não maldizia dele, não tinha pragas nem imprecações para o algoz; sentia-se, pelo contrário, como que apiedada do seu opróbrio e da sua miséria; via no pai de seus filhos não um homem corrompido, escandaloso, imoral e tirano, mas um tresvariado e louco ou um infeliz afetado de moléstia vergonhosa e fatal.

Teresa não imaginava a hipótese de voltar algum dia ainda à simples tolerância da vida conjugal: com o coração e com a consciência, tinha dito a Paulo Borges: “sou viúva”; o milagre possível que os filhos poderiam vir a aspirar em favor do pai arrependido e [261] regenerado, se lhe passasse pela mente, lhe causaria então horror; ela, porém, de joelhos, prostrada ante o seu oratório aberto, rezava todas as noites longo tempo a rogar a Deus por

seus três anjinhos e pela volta de Paulo Borges ao caminho do brio, do dever e da honra.

A oração, o cuidado dos filhos, a costura das roupinhas deles eram a única e nunca variada ocupação de Teresa; o marido não a ia ver, apenas mandava informar-se da sua saúde e do que ela precisava; a esposa condenada a ser mártir não se informava jamais do estado da casa e parecia indiferente ao ruído, à gritaria e aos sinais evidentes dos deboches e da anarquia da cozinha.

Era vida esse viver?... Só a heroicidade maternal, que excede a todas as heroïcidades, podia explicar a paciência, a constância e a força angélica que animavam a vítima. Teresa não vivia mais para si nem para as ilusões do mundo: por assim dizer, suicidara-se, caindo na sepultura do gabinete escolhido; era somente o amor maternal, o seu amor d'alma túmulo que prendia sua sombra àquele retiro para velar incessante pelos filhos, que, aliás, nunca lhe foram disputados.

[262] Mas, passadas algumas semanas desse viver de solitário martírio, Teresa começou a sentir-se doente: dores fortes no estômago e no ventre acompanhadas de sabor acre e ardente na boca e na garganta, de sede viva, de vômitos e febre anunciavam-lhe perigosa enfermidade: a infeliz senhora resistiu silenciosa por três dias; depois não pôde mais; a agravação daqueles sintomas, os suores frios, o abatimento e concentração do pulso, a alteração profunda da fisionomia, os movimentos convulsivos, a prostração, a ansiedade extrema rapidamente se manifestavam aos olhos do marido adúltero que fora chamado para acudir à sua vítima.

Paulo Borges, nas horas supremas que precederam o último transe da esposa, ao menos não a desamparou; compadeceu-se sinceramente dela e,

ferido por verdadeira dor e remordido pelos remorsos, experimentou os mais cruéis tormentos na agonia daquela que o amara tanto.

Mas, em vez de um médico hábil, veio em socorro da mísera senhora um famoso curandeiro, o Hipócrates da fazenda, o *doutor* Bonifácio, como o chamavam, antigo enfermeiro de não [263] sabemos que hospital da corte e que, retirado para o interior da província, dava-se impunemente no município de... ao exercício da medicina com a mais criminosa impudência.

O curandeiro, tendo examinado a pobre mártir, declarou-a atacada de *febre perniciosa* e receitou estupidamente aplicações ainda mais atormentadoras à agonizante.

Que tivesse corrido a tratar da doente o mais consumado dos médicos, a sua ciência só teria aproveitado pela alta conveniência do testemunho autorizado e da declaração indispensável de um caso de envenenamento; mas para Teresa o resultado seria o mesmo.

Aos olhos do verdadeiro médico, os sintomas de envenenamento por substância acre, irritante e corrosiva seriam evidentes: impedir, porém, o seu efeito, a morte, era impossível naquele extremo.

Em seu padecer desesperado, Teresa adivinhou, viu em lucidez de moribunda a mão e o instrumento que a matavam e, achando-se por momentos a sós com Paulo Borges, estendeu para ele os braços, com as mãos agarrou-o com ânsias; e disse-lhe, retorcendo-se:

[264] — Morro envenenada por Esméria!... Eu te perdoo, se velares por teus filhos que...

Não pôde acabar.

O envenenamento seguiu seu curso, sua obra de destruição torturadora, sinistra, execrável...

A pobre mártir subiu ao céu à luz da aurora.

Se ela sentiu dor na morte, ninguém pode dizê-lo; mas, na agonia, caíram-lhe sucessivamente dos olhos seis grossas lágrimas, três de cada um.

Era uma extremosa e desgraçada mãe de três filhos que morria.

Deixou, coitada! duas lágrimas a cada filho.

XIX

[265] Paulo Borges chorou compungido a morte de sua honestíssima esposa, de quem fora bárbaro algoz. A suspeita de envenenamento revoltou-o e, embora visse Esméria desfeita em lágrimas a lamentar o passamento da senhora, esperou obumbrado o seu sábio curandeiro e, apenas o viu chegar, correu a ele, levou-o a examinar o cadáver e disse, por fim:

— Minha mulher morreu envenenada, não é verdade? O senhor tem obrigação de dizê-lo: fale! Em nome de Deus, diga-me a verdade.

O curandeiro turbou-se: de novo e com absurdo processo fez o exame do triste e enregelado corpo da vítima, e, incapaz de compreender os sintomas que haviam escapado à sua [266] ignorância, incapaz de apelar para os meios científicos que vingam a sociedade, reconhecendo no cadáver as provas irrecusáveis do crime do envenenador, o curandeiro charlatão, vaidoso do seu diagnóstico, acabou por dizer com desfaçada impostura:

— Envenenada!... Quem o disse, mentiu.

— Está absolutamente certo disso?

— Juro-o...

— Que Deus perdoe a quem tal suspeitou!

— Quem foi?

- A defunta.
- Delírio de moribunda: ela morreu da febre que eu disse.
- Antes assim.

Paulo Borges tranquilizou a revolta de seu ânimo e concentrou-se na dor da viuvez recente.

Esméria ficou inocente a seus olhos e quase que mais mereceu em compensação da suspeita que o curandeiro declarara infundada.

O marido adúltero supôs enganar a Deus e aos homens, e talvez mesmo a si, dando aos restos mortais de sua santa mulher honras fúnebres suntuosas, esmolas aos pobres, missas e aparatoso ofício do sétimo dia.

[267] Deus, que recebeu a mártir, desprezou sem dúvida as oblações sacrílegas do pecador incontrito e obstinado.

O romance tem contra o seu legítimo fim comprometer a lição da verdade pelas prevenções contra a imaginação que deve ser exclusivamente a fonte de ornamentos da forma e de circunstâncias acessórias e incidentais que sirvam para dar maior interesse ao assunto; no seu fundo, porém, o romance precisa conter e mostrar a verdade para conter e mostrar a moral.

Alto o proclamamos: também neste nosso romance há no fundo plena, absoluta verdade.

Há envenenamentos propinados por escravos que, despercebidamente ou apenas de leve suspeitas, escapam impunes aos senhores e à autoridade pública.

Há curandeiros ignorantes espalhados pelo interior dos municípios *mais civilizados* das *mais civilizadas* províncias do império que, involuntariamente, sem malícia e só por incapacidade intelectual

favorecem, apadrinham a impunidade de semelhantes crimes, deixando-os esconderem-se nos segredos das sepulturas.

E ainda mais afirmamos com a segurança que resulta do estudo e da observação:

[268] Enquanto no Brasil houver escravos, estarão nossas famílias facilmente expostas a envenenamentos e a tentativas de envenenamentos por eles propinados.

E, o que é mais, em dez casos desses crimes ou de tentativas desses crimes, dois serão contra o senhor, oito contra a senhora.

E quando dizemos tentativa de envenenamento, queremos referir-nos principalmente ao emprego de certas substâncias que, aplicadas grosseiramente, ofendem pelo contacto físico e dilacerante, sendo de pronto descobertas, e propinados em pó sutil são inocentes ou inertes.

Nem é preciso adiantar, esclarecer mais; pois que neste caso o forte escudo dos senhores contra o ódio dos escravos é principalmente a ignorância e a bruteza destes.

XX

[269] Saída no esquife a senhora, a escrava tomou-lhe o lugar na sala, e nada mais teve a desejar em relação ao domínio da fazenda do senhor.

A vaidade da alta posição imerecida inspirou, dentro em pouco, arrogância e soberba à Esméria, que, reputando já inabalável o seu poder, maltratou e tiranizou as parceiras, que tarde compreenderam o que tinham perdido em sua boa e legítima senhora.

Todavia, em seu presunçoso e atrevido entono, Esméria, quando mais se exaltava onipotente na sala, estremecia de súbito escutando o silvo da serpente no fundo do quintal.

A crioula, após a morte de Teresa e a sua [270] absoluta dominação, aborrecera profundamente a Pai-Raiol e daria tudo pelo golpe que para sempre a livrasse dele.

A escrava tornada senhora do desprezível senhor exasperava-se por continuar escrava do escravo mais hediondo; ela, porém, não ousava arrostar Pai-Raiol, o feiticeiro, o rei das serpentes, o demônio que matava de longe com os olhos: poderia facilmente conseguir que Paulo Borges mandasse vender em outro município ou em outra província o seu detestável sócio; já tinha pensado nesse recurso, mas sua imaginação lhe representava sempre o Pai-Raiol vivo e voltando vingativo e terrível para tomar-lhe contas e matá-la sem piedade, ou para denunciar o seu crime, como envenenadora de Teresa.

Assim, pois, abafando no coração a raiva e sempre sob a influência do terror que lhe causava o negro africano, a crioula vaidosa e soberba continuava a obedecer ao Pai-Raiol, que era ainda o seu amante tornado então repugnante para ela, que todavia apenas escutava o silvo da serpente, corria trêmula, coagida, dentro de si revoltada, mas fingindo-se contente e afetuosa quando se mostrava ao seu único senhor.

[271] E, ainda uma vez, a serpente assobiou: foi na tarde de um domingo, e Paulo Borges dormia a sesta.

Esméria encontrou Pai-Raiol no fundo do quintal e onde velhas laranjeiras desprezadas pela incúria secavam no meio de moitas de arbustos

e cobertas de ervas parasitas. Era o sítio escolhido para as entrevistas dos dois.

Com a gradual elevação da crioula, dir-se-ia que fora também crescendo o amor selvagem que o Pai-Raiol tinha por ela, e a improvisada e arrogante senhora recebia risonha, mas em fúria, donosa, mas em desespero, os afagos do antigo amante que ela então estimaria poder matar.

— Esméria está no meio do caminho — disse o Pai-Raiol.

— Como? De que caminho?

— Mas tem muito que andar ainda para chegar à cima do morro: é preciso andar; Pai-Raiol está subindo da outra banda.

O negro ria-se de modo a causar pavor; Esméria olhava para ele espantada e como se receasse compreendê-lo.

— A mulher tigre morreu na lua nova, e a lua nova já voltou.

— É verdade; está a fazer um mês.

[272] — O velho tigre já esqueceu: agora os tigres pequeninos... depois Pai-Raiol ensina mais.

— Pai-Raiol!... — exclamou Esméria, estremeando. — Os meninos?... Isso não...

A crioula malvada era menos celerada que o negro africano; este, porém, fitando nela seus olhos vesgos, disse:

— Pai-Raiol quer.

— O senhor teve suspeitas de que sua mulher tivesse morrido envenenada; eu o ouvi fazer perguntas sobre isso ao cirurgião...

O negro encolheu os ombros.

— E para que matar uns meninos que ainda não fazem mal a pessoa alguma?

— Pai-Raiol sabe e quer.

— Os meninos... eu não posso...

— Pai-Raiol pode matar Esméria.

— Eu pensarei nisso — disse a crioula, convulsando. — Pai-Raiol, me dê alguns dias para me resolver e me preparar...

O monstro africano estava em dia de menos braveza ou, seguro do resultado do seu plano infernal, entrava também em seus cálculos a contemporização.

— Pai-Raiol espera até a outra lua nova.

Esméria respirou desafiada.

[273] Daí a pouco, o negro riu-se, olhando para o ventre da crioula.

— Esméria não tarda a ter filho — disse ele.

A crioula cruzou instintivamente as mãos sobre o ventre e voltou-se para um lado, como a defender o filho do olhar do feiticeiro.

O Pai-Raiol ou não percebeu o motivo do movimento que fizera a escrava que ia ser mãe, ou não se agastou com isso, e, continuando a rir, acrescentou:

— Se é filho do velho tigre, fica muito rico no fim da outra lua nova.

E, sem olhar para Esméria, retirou-se vagarosa e tranquilamente por entre os arbustos, cujos galhos afastava com as mãos para abrir caminho.

XXI

[275] Pai-Raiol tinha deixado veneno no seio da crioula, que gravou na memória as últimas palavras que acabara de ouvir-lhe.

A fraca e explicável compaixão com que a escrava erigida em dona da casa defendera seus inocentes *senhores-meninos* estremeceu ao primeiro despertar da ambição da negra próxima a ser mãe.

Com efeito, metade da fortuna de Paulo Borges pertencia já aos três filhos e herdeiros de Teresa; e, da outra metade, que poderia caber ao filho de Esméria?...

A crioula, refletindo obumbrada e desgostosa, saiu do laranjal e encaminhou-se para a porta da cozinha, quando voltou os olhos, ouvindo a voz de alguém, que lhe disse:

[276] — Você anda enganando senhor.

Esméria parou: pareceu esquecer as ideias que a preocupavam e, menos ativa com o negro que lhe falara debruçado sobre a cerca de pau que separava o quintal do campo, deu logo depois alguns passos para ele e respondeu, rindo-se:

— Fui passear, tio Alberto.

O tio Alberto representava o contraste mais completo do Pai-Raiol: era um escravo africano de trinta anos de idade e de alta estatura; tinha a fronte elevada, os olhos grandes e brilhantes, a cor preta um pouco luzidia, os dentes brancos e perfeitos, largas espáduas, grossos e bem torneados braços possantes e formas justamente proporcionais: era bonito para a sua raça, um Hércules negro, em suma.

Esméria tivera sempre na fazenda muita predileção pelo tio Alberto; este, porém, se mostrava erradio e esquivo desde que se haviam tornado ostensivas as relações do senhor com a escrava.

Ouvindo a resposta da crioula, ele tornara:

— Você mente: eu vi Pai-Raiol saltar lá embaixo a cerca do quintal; desconfie e vim ver quem era que tinha ido falar com ele; já sei.

— Mas então você anda me espiando?

[277] — Não; que me importa?... Mas eu não quero que você fale com o Pai-Raiol: com os outros, lá se avenha...

— E por que com ele não?... — perguntou Esméria curiosa.

— Pai-Raiol matou ontem a pobre *Cativa*, a minha cachorrinha coelheira: *Cativa* não atacava ninguém, e ele matou-a por maldade...

Duas lágrimas rolaram pela face do negro, que prosseguiu, dizendo:

— Eu podia ensinar a Pai-Raiol; mas nunca apanhei de meu senhor e tenho medo do chicote e... de mim... tomei o meu partido: hei de perseguir Pai-Raiol até que ele venha tirar bulha comigo.

O raio de uma inspiração acendeu-se nos olhos da crioula.

— Escuta — continuou Alberto —, eu me vingaria de Pai-Raiol, dando parte ao senhor do que vi hoje, mas faria mal a você, e não quero.

— Obrigada, tio Alberto — disse a crioula abstratamente.

— Demais... a vingança com o açoite do senhor... não; hei de ser eu mesmo: o senhor... longe sempre de mim... não quero. [278] Você dirá a Pai-Raiol que eu lhe proibi tornar a falar-lhe.

— Bem: entendo, e há de ver o que farei — disse Esméria.

E mudando logo de tom, perguntou:

— E você, por que me foge há tanto tempo, tio Alberto?...

O negro apontou para dentro da casa; depois respondeu em voz baixa:

— Não gosto do senhor, mas não bulo com ele.

— Espere aqui: eu volto já — disse a crioula.

Entrou apressada pela cozinha; mas, passados breves minutos, tornou a aparecer e aproximou-se da cerca, onde estava o negro.

O senhor dorme ainda: conversemos...

— Não; você é do branco, nada mais tem comigo — respondeu Alberto.

— Eu preciso falar-lhe... É sobre Pai-Raiol...

— Que é?...

— Tenho muito que dizer, e aqui a esta hora não posso; mas eu detesto o Pai-Raiol mais do que você, tio Alberto.

Esméria falava a tremer e em tom de segredo; o negro, porém, riu-se e perguntou:

[279] — E hoje? E ind'agora?...

— Oh! É o demônio... E eu preciso de você, tio Alberto — murmurou a crioula, olhando aterrada para todos os lados.

— Por que tem medo?

— Ele é feiticeiro...

O negro ficou impávido, mas franziu as sobrancelhas.

Esméria continuou:

— É necessário que eu converse com você, tio Alberto; não tenha medo do senhor... sei governá-lo; espere alguns dias... Não provoque o Pai-Raiol antes de falar comigo... Fuja dele e prepare-se, porque a nossa vingança será segura.

— Você não mente? — perguntou o negro.

Esméria desfez-se em juramentos e, melhor que seus juramentos de mulher corrompida e escrava desmoralizada, falava em seu rosto a eloquência do terror.

— Pois seja — disse Alberto. — Fugir de Pai-Raiol, não; deixar de persegui-lo com o meu ódio, não; mas estou pronto a entender-me com você contra ele: quando?

— Eu marcarei o dia e o lugar... Há de ser muito breve... Conte comigo, tio Alberto... Eu [280] não me esqueço nunca de você. Agora retire-se, mas, pelo amor de Deus, guarde segredo.

— Descanse — disse Alberto, apertando a mão que a crioula lhe oferecera. E seguiu logo para sua senzala.

Esméria ficou imóvel, contemplando a figura do Hércules negro que se retirava.

XXII

[281] Alberto era um homem negro de natureza nobre e ativa, mas já estragada pelos venenos da escravidão: como os outros escravos seus parceiros, já tinha manchado as mãos com o furto, os lábios com a mentira, o coração com o desenfreamento da luxúria torpe, o estômago e a cabeça com o abuso da aguardente. De suas grandes qualidades por assim dizer inatas, só restavam os vestígios nos defeitos opostos: da altivez tirara e conservara o ódio aos senhores que lhe impunham o aviltamento do cativo forçado; da sua nobreza e dignidade pessoal apenas lhe ficara a flama vingativa do insulto recebido e a arrogância da consciência da própria força material.

[282] Não querendo vingar-se do Pai-Raiol com o açoite do senhor, Alberto não o fazia por sentimento generoso e fraternal, mas só porque

tinha em principal aversão o domínio do senhor e em única estima pessoal o orgulho e a jactância da sua força física.

Trabalhando assíduo e diligente para escapar ao castigo que se ufanava de nunca ter provado, refreando seus ímpetos de vingança contra o Pai-Raiol para não se expor ao açoite, embora ele dissesse que tinha medo de si, o que podia ser e era a justa apreciação das fúrias possíveis de um orgulho que se firmava na convicção do poder de seus músculos hercúleos, ele dava testemunho do cálculo que o egoísmo, aliás, justificável, estabelece sobre o receio das punições e das consequências de um ato violento e arrebatado.

Ao menos, porém, nessa destruição de grandiosos sentimentos, o escravo africano, Alberto, pudera salvar e manter a fidelidade mais exemplar aos parceiros e a repugnância mais invencível às ciladas covardes que a traição costuma armar às escondidas.

Alberto, negro sem educação, escravo e, portanto, homem condenado às misérias e aos [283] vícios inerentes à baixa condição imposta, era pelo estrago e depravação de suas qualidades capaz de ações atrevidas e criminosas; levado pelo rancor e pela cólera, ousaria matar o seu inimigo, mas sem dúvida o atacaria de frente e mediria suas forças com ele.

Ainda aí havia orgulho e ostentação de sua força física e de sua coragem de Hércules; mas, em todo caso, não havia torpeza e infâmia de assassino de emboscada.

Esméria conhecia o caráter, a capacidade e os defeitos do tio Alberto, e, inspirada de súbito pela declaração franca de sua inimidade hostil ao Pai-Raiol, viu nele um recurso poderoso contra o feiticeiro de cujo poder e

influência tirânica desejava subtrair-se; foi por isso que emprazou Alberto para uma entrevista mais cautelosa e oportuna.

Mas então já outra preocupação se apoderara do ânimo da perversa crioula. O Pai-Raiol tinha-lhe lembrado o mal que a existência dos filhos legítimos de seu senhor faria ao filho que em breve ela daria à luz. À medida que nisso meditava, esvaecia-se a compaixão que ela mostrara ter das três pobres crianças já, pois, destinadas a seguir o caminho de sua infeliz mãe.

[284] A cegueira de Paulo Borges chegara ao ponto de entregar aos cuidados da crioula os seus três inocentes filhos, que haviam de ser mártires sendo ainda anjos.

Esméria hesitava ainda, receosa de uma grave contrariedade possível: a miserável afligia-se com a dúvida sobre a cor da criança que do seu seio devia nascer e com a apreensão das consequências do desengano patente que bem poderia ferir os olhos do senhor.

Enfim e mais cedo do que calculava, a crioula teve o seu parto e entusiasmou-se, conhecendo que o filho denunciava pela cor a paternidade de Paulo Borges.

Desde esse dia, Esméria-mãe adotou a ideia horrorosa do Pai-Raiol: a sentença de morte dos filhos de Teresa foi lavrada pela escrava deles ciumenta e refervente em duplicada ambição.

Paulo Borges, o principal causador de tantas desgraças, nem teve tempo de experimentar as desconsoações e a tristeza que sente por força o pai recebendo ainda um castigo da sua escandalosa sensualidade, ao considerar a desigualdade das condições de seus filhos e a irremediável inferioridade social do fruto do ventre cativo em comparação dos outros.

[285] Quando chegou a *outra lua nova*, Esméria ainda se achava de cama ou resguardada, mas a infelicidade doméstica resultante do adultério e da corrupção de Paulo Borges poupou-a a um dos três assassinatos premeditados: o mais novo dos míseros órfãos, tendo perdido sua mãe, passara a amamentar-se aos peitos de uma escrava designada sem estudo e sem justificada preferência para esse delicadíssimo mister, e, bebendo às sobras no leite impuro o veneno da sífilis, morrera exatamente naquela *outra lua nova* marcada para o seu martírio.

Depois passou cerca de um mês, e a serpente silvou.

Pai-Raiol, dois dias antes da terceira *lua nova*, se havia recolhido à enfermaria: o seu estado excluía toda suspeita de manha: tinha febre e claros sintomas de irritação intestinal; mas o escravo enfermeiro não viu que ele deitava fora os remédios que lhe mandavam dar e que, às ocultas, mastigava raízes que levava consigo.

No segundo dia, Pai-Raiol estava bom, e, fugindo da enfermaria, entrou na sua senzala, e no fim de poucos minutos saiu e foi silvar como a serpente no fundo do quintal.

Pai-Raiol tinha, desde algumas semanas, um [286] inimigo que de longe o perseguia, espiando-o, contrariando-o, provocando-o sem falar, mas seguindo-o sempre à distância, como a sombra de seu corpo: era Alberto. Não temendo, mas também não ousando atacar de frente esse inimigo, esperando do tempo ocasião oportuna para *propinar-lhe* algum dos seus feitiços, o negro africano, refalsado e feroz, para escapar na *lua nova* à perseguição de Alberto, fizera-se adoecer com a certeza de poder curar-se.

Alberto trabalhava na roça, quando a serpente silvou no fundo do quintal.

A crioula deixou o filho, que dormia, e correu diligente, acudindo ao chamado.

As duas hidras se encontraram.

O negro afagou a crioula como costumava, insinuando-se possuído de paixão cada vez mais violenta. Depois começou a falar.

— Esméria, Pai-Raiol tem um inimigo e precisa cautela.

— Quem é? — perguntou Esméria com sobressalto simulado.

— Pai-Raiol sabe e há de matá-lo: ele mata com os olhos, mas ainda não quer.

A crioula ia falar; ele, porém, tomou-lhe a palavra.

[287] — Escuta: Pai-Raiol e Esméria não podem mais falar aqui sem a espia no mato: é preciso andar depressa...

— Andemos...

— Pai-Raiol queria andar devagar, mas não pode... Tem inimigo que espia... É preciso andar depressa...

— Andemos – repetiu a crioula.

— Escuta: esta raiz tem feitiço, mata criança em uma noite. Esméria deixa os meninos comerem fruta que faz indigestão e dá café com esta raiz, eles morrem de indigestão. O filho de Esméria fica só e é rico.

A crioula não respondeu; porém, não protestou e recebeu com mão segura o pequeno embrulho que continha as raízes.

O negro celerado prosseguiu.

— Quando Pai-Raiol quer falar a Esméria, assobia como serpente, e Esméria, à meia-noite, vai à senzala de Pai-Raiol.

— E se o senhor se acordar?

O negro riu-se; e mostrou a Esméria outro, um segundo embrulho de papel, que era maior e que sem dúvida guardava outras raízes.

— Pai-Raiol precisa andar depressa: cada raiz que ele dá aqui faz o tigre velho dormir [288] toda a noite: Esméria vem sem medo à senzala de Pai-Raiol, mas só à meia-noite por causa do inimigo.

— Faz dormir?... E como hei de dá-la?

— Esméria cozinha a raiz no café bem carregado.

A crioula tomou o embrulho com sofreguidão: a substância que podia fazer dormir assim Paulo Borges era um tesouro para a escrava, sua amásia.

O negro riu-se outra vez e disse:

— Uma raiz só faz dormir: duas, sofrer muito: três hão de matar.

Esméria olhou para o Pai-Raiol como se lhe perguntasse a explicação desse prudente aviso.

— Esméria não pode matar logo — continuou o negro. — Faz dormir o tigre velho, faz forrar o filho, fica forra também, faz o senhor escrever no papel testamento, dá o testamento para o Pai-Raiol guardar: depois cozinha três raízes no café do tigre velho.

Uma onda de suor frio banhou o corpo da crioula que, instintivamente e sem refletir, perguntou:

— E depois?...

O negro fitou em Esméria os seus olhos vsgos, [289] incisivos e penetrante e, adoçando quanto pôde a voz, disse:

— Esméria gosta do Pai-Raiol?

A crioula fez um esforço supremo de fingimento e com fogo e comoção respondeu, beijando a face do negro que ela aborrecia:

— Oh! Muito! Muito!

Ele beijou-a também com os seus três lábios repugnantes e respondeu então à pergunta da crioula.

— Esméria sobe o morro de uma banda e Pai-Raiol sobe da outra: em cima do morro Esméria encontra Pai-Raiol ao pé dela.

— Não entendo.

— Quando o tigre velho morrer, Esméria fica senhora da fazenda com seu filho e forra Pai-Raiol, que também fica dono.

E o negro fixou ainda mais incisiva e profundamente seu olhar magnético no rosto da crioula e, no fim de alguns momentos, disse:

— Pai-Raiol quer.

— Pois sim! — exclamou a crioula, abraçando-se doida e petulantemente com ele.

O negro arrancou-se dos braços da crioula e, fitando-a de novo, com olhar imponente de sua [290] vontade, absoluto, imperioso, disse ainda, dando à voz tom ameaçador:

— Pai-Raiol quer! E se Esméria não faz, Pai-Raiol mata.

A crioula, como transportada, fora de si, possessa, lançou-se ao negro, abraçando-o, beijando-o e exclamando com ardor:

— Meu marido!... Meu marido!

XXIII

[291] Esméria voltou para casa com o coração palpitante de assombro e com o espírito, embora perturbado, aceso em sinistras ideias e bárbaros projetos.

Só naquele dia medira toda a extensão dos planos de Pai-Raiol que, rude e ignorante como era, queria fazer dela o instrumento da sua fortuna e maior poder, erguendo uma e outro sobre os cadáveres da família inteira de seu senhor, que devia ser a última pedra do horroroso edifício.

A última pedra?... Esméria estremecia, lembrando-se de seu filho, em quem Pai-Raiol talvez, ou certamente, não perdoaria o sangue de Paulo Borges.

[292] E se até então Pai-Raiol brutal e tiranicamente a dominava e lhe impunha sua vontade absoluta, a que extremos não se arrojará quando, morto o senhor, entrasse na casa, em cujo dono contava já erigir-se?

A crioula jurava a si mesma não sujeitar-se a tamanha calamidade e mil vezes veio-lhe à memória o nome e a imagem de Alberto; não lhe escapou que preparava neste um outro bem provável dominador, confiando-lhe algum dos segredos das suas atrocidades e encarregando-o de livrá-la do Pai-Raiol, o inimigo comum, dando-lhe a morte; mas entre Pai-Raiol e o tio Alberto não podia haver hesitação na escolha, e o poderio deste sorria além disso à viciosa negra.

Esméria tranquilizava-se tanto quanto lhe era possível, contando com o braço de ferro do Hércules africano; mas adiava ainda a sua entrevista com ele, receosa de que, por temor ou generosidade, Alberto se opusesse ao envenenamento dos dois meninos.

Este crime nefando estava decididamente resolvido pela malvada escrava, que ainda mais se assanhara com a perspectiva do futuro que o Pai-Raiol mostrara em grosseiro quadro a seus olhos.

[293] Só lhe faltava a oportunidade para o medonho atentado, e foi ainda o desmoralizado e vil senhor quem lha proporcionou.

Corria o mês de março, que, ardente, abrilhantava os campos: abundavam as frutas próprias da estação e, entre outras, as *mangas* tão doces ao gosto, como suaves ao olfato; uma tarde, de volta da roça, Paulo Borges trouxe aos meninos um cestinho de mangas.

A traiçoeira crioula opôs-se, simulou reprovação a esse regalo oferecido a Luís e Inês, observando que as mangas eram muito *quentes* e perigosas para as crianças; estas, porém, choravam, o pai ralhou brandamente com a escrava-senhora, que, não desejando outra coisa, deixou a sala de jantar, onde se passava a cena.

Os dois meninos, acompanhados de alguns crioulinhos da sua idade, comeram as mangas, que, aliás, não eram muitas; mas saltaram de contento, encontrando no fundo da cestinha três pequenos cachos de cocos de tucum.

Esméria, acudindo à gritaria das crianças, pôs as mãos na cabeça ao vê-las comendo cocos depois das mangas.

Paulo Borges não deu importância aos avisos da crioula. Os meninos regalaram-se, brincaram [294] ainda, e às oito horas da noite dormiram logo depois da sua costumada ceia de simples canja de arroz.

Mas dentro em pouco estava a casa em movimento, Paulo Borges em sustos, e a crioula *em desespero*: terrível *indigestão* se declarara em todas as crianças, que, em gritos, em vômitos, em convulsões e delírio, e com as mãozinhas nos ventres que se abrasavam e se dilaceravam em fogo e em dores horríveis, avançavam depressa para a morte, que se manifestava já na decomposição dos traços fisionômicos.

O sábio curandeiro, chamado imediatamente por ordem da crioula, não tardou; ouviu a história das mangas e dos cocos, notou a coincidência e

semelhança dos sofrimentos dos meninos e dos crioulos, aplicou os seus meios mais enérgicos para vencer aquelas violentas *indigestões*; não foi, porém, feliz.

Ao amanhecer, estavam mortos os dois filhos legítimos de Paulo Borges, e dos crioulinhos, três provaram a mesma sorte e apenas dois escaparam a esse horroroso morticínio.

Paulo Borges, consternado, acusava-se em altos brados de assassino de seus filhos; as três escravas, mães dos crioulos vítimas, o acusavam [295] também, chorando na cozinha. Esméria, doidejando em pranto, corria mil vezes a abraçar e a beijar os pés dos dois meninos seus senhores já cadáveres, e, arrancada de junto deles, ia ver as três criancinhas mortas e os dois que gemiam ainda, mas que se consideravam salvos.

E aparentemente em aflição desmesurada e dentro de si turbada, medrosa, aturdida pelo próprio crime, mas ainda assim cuidadosa observadora daquela cena lúgubre de assassinato de crianças, dizia entre si, como admirada:

— Que demônio de Pai-Raiol! Que temível veneno! Só escaparam os dois crioulos que apenas cearam o restinho da canja que sobejou dos outros!

A história da indigestão de mangas e cocos correu pelas vizinhanças, e o caso foi geralmente lamentado.

A morte dos três crioulos conjuntamente com a dos dois filhos de Paulo Borges, e os sofrimentos semelhantes das duas *crias* que sobreviveram, excluíram toda suspeita de envenenamento.

Luís e Inês foram, como sua mãe, sepultados na capela, e os três crioulos no cemitério da fazenda.

[296] Esméria e seu filho triunfaram sobre as sepulturas das vítimas.

O tigre da escravidão já tinha despedaçado e devorado as carnes e bebido o sangue da mulher e dos filhos do senhor.

A vez de Paulo Borges ia chegar.

XXIV

[297] A crioula concedeu à dor profunda do pai a expansão de quinze dias.

Durante esse breve período, acudindo e obedecendo ao silvo da serpente, experimentou duas vezes a eficácia de uma só das raízes que dera o Pai-Raiol, ajuntando-a à água que fazia ferver para o café do senhor.

O efeito mostrou-se indisputável e seguro. Paulo Borges dormiu, como embriagado que se submerge no sono.

A crioula abria uma janela e saltava para o campo à meia-noite, demorava-se duas e três horas na senzala do Pai-Raiol, recolhia-se depois, e Paulo Borges dormia sempre.

Era preciso despertá-lo ao romper do dia, e, [298] ainda depois de desperto, Paulo Borges, quando não se ativava, tinha sono.

Esméria estudava cautelosa na observação desses fenômenos as proporções das doses que lhe conviria aplicar ao senhor.

Em suas duas visitas à senzala do Pai-Raiol, teve a certeza de que Alberto prosseguia em seu sistema de provocadora, mas distanciada perseguição ao seu inimigo, que começava a revoltar-se impaciente e a idear vingança.

Alberto descobria as preferências que a sensualidade do Pai-Raiol dava passageiramente a uma ou outra escrava, e tomava-lhe sem dificuldade e com ostentação as preferidas.

Alberto seguia sempre de longe o Pai-Raiol e, por vezes, aos domingos, se mostrava à distância, mas parado e firme nos bosques e descampados onde o seu inimigo de costume divagava.

Alberto matara diante de alguns parceiros o gato preto, companheiro único do Pai-Raiol, em sua senzala solitária.

Pai-Raiol era forte, de sua força muscular tinha consciência e certa ufania; não se arreceava de Alberto, mas também não se achava seguro de sua superioridade física [299] sobre o Hércules, e contemporizava, embora raivoso, calculando matá-lo sem perigo.

Uma escrava tinha já avisado Alberto de que o Pai-Raiol tentava pôr-lhe feitiço, havendo-a convidado com instância para ajudá-lo nesse empenho.

De tudo isto Esméria soube metade na senzala do Pai-Raiol, a outra metade nas confidências de outras escravas.

A crioula teve medo de perder o tio Alberto e resolveu apressar a marcha acontecimentos que ela devia determinar.

Passadas as duas semanas dadas ao coração do pai, ela falou ao senhor sobre condição e o futuro de seu filho.

— Enquanto viveram meus senhores-moços, eu nunca me animei a pedir a liberdade e algum favor para meu filho, que também o é de meu senhor; mas agora...

E abaixou os olhos com refinamento de hipocrisia.

Paulo Borges, triste e abatido, não respondeu; ficou, porém, meditando o dia inteiro.

Esméria mostrou-se a seus olhos, por vezes, com o filho nos braços, com o filho que já conhecia [300] e ria ao desgraçado que era seu pai e seu senhor.

Alguns dias depois, Paulo Borges, a quem a crioula incessantemente cercara de cuidados e que, hábil e petulante, embriagara em novos frenesis, tomou suas vestes de saída e logo de manhã montou a cavalo e foi para a vila.

Demorando-se mais do que costumava, o mísero só voltou à fazenda ao cair da tarde e, chamando Esméria a seu quarto, mostrou-lhe um papel dobrado e lacrado, que fechou depois em uma gaveta, da qual guardou a chave.

— É o meu testamento, crioula – disse ele.

Crioula era o tratamento que Paulo Borges dava a Esméria.

— Que me importa o seu testamento? – exclamou a pérfida negra. — Testamento é lembrança de morte e eu quero que meu senhor viva cem anos.

O louco riu-se com agrado, escutando a exclamação da crioula e, entregando-lhe duas folhas de papel dobradas separadamente, acrescentou:

— Aí tens duas cartas de alforria, uma é tua; desde hoje deixaste de ser escrava; a outra é a do teu... do meu filho: não ficaram aí os meus [301] favores... Hás de senti-lo a seu tempo; continua a ser boa e fiel para que eu não me arrependa.

Esméria caiu de joelhos aos pés de Paulo Borges.

A vítima levantou em seus braços o algoz.

E logo nessa mesma noite, Paulo Borges dormiu sono comatoso.

XXV

[303] No curto período de dez dias passados depois daquele em que a escrava recebera para si e para seu filho o benefício imenso da emancipação, Paulo Borges o benfeitor, mas insensato amante da crioula, decaíra de modo a inspirar as mais tristes apreensões.

O abatimento de suas forças físicas era evidente e o do seu espírito acompanhava na mesma proporção o outro; seus olhos se encovavam, a sua magreza era progressiva, o seu andar tornava-se vagaroso e hesitante, e ainda mesmo de dia a frouxidão e o sono o perseguiram.

Esméria acusava o infeliz de preguiçoso, instava com ele para que não desamparasse a roça e fosse ativo como dantes.

[304] O sábio curandeiro, a quem a crioula não cessava de presentear e a quem havia tomado por padrinho do filho, apoiava com vigor os conselhos da comadre, receitava o que melhor lhe parecia; mas, em suas confidências a Esméria e em conversação com os vizinhos, declarava que Paulo Borges, o seu velho amigo e estimado compadre, estava com amolecimento cerebral.

A todos espantavam os sucessivos e rápidos golpes descarregados pela *infelicidade* sobre a casa de Paulo Borges, onde em poucos meses a morte devorara a esposa, três filhos e prestes ia devorar o fazendeiro. Já havia desconfianças e murmurações nas vizinhanças.

Um lavrador pobre, foreiro de Paulo Borges, encontrando a este no caminho da roça, não se pôde conter ao vê-lo tão abatido e desfigurado, e, pedindo-lhe perdão da liberdade que tomava, aconselhou-o a mudar de cozinheiro.

O mísero condenado riu-se tristemente e agradeceu o interesse que por ele tomava o lavrador; assegurando, porém, que a pessoa que preparava as suas refeições era digna de toda a confiança.

Essa pessoa era Esméria.

[305] Entretanto, a suspeita do lavrador ficara no espírito de Paulo Borges, que debalde procurava esquecê-la e que a pesar seu observava com olhar dúbio a fisionomia da crioula, quando, chamado por ela, se sentava à mesa e principiava a comer.

A impassibilidade, o aspecto perfeitamente tranquilo de Esméria acabavam sempre por sossegar a vítima, que se arrependia da sua desconfiança.

A crioula esperava paciente o progresso da *moléstia* de seu antigo senhor, mas o Pai-Raiol começava a ter pressa e a exigir obediência.

Ela compreendeu que era tempo de entender-se com Alberto, que talvez já se supusesse esquecido.

Os escravos da fazenda tiveram de fazer serão à noite. O fazendeiro escravo da mais absurda rotina ainda mandava descarregar o milho pelas mãos dos escravos, julgando ganhar tempo, porque empregava nesse serviço duas horas em cada noite, duas horas que de outra sorte seriam de descanso para a escravatura.

Esméria, desde que Paulo Borges tomara o costume de *adormecer fácil e frequentemente*, acompanhava-o sempre para ativar e fiscalizar o serão.

[306] Nessa noite, ela procurou chamar a atenção de Alberto, que trabalhava defronte do Pai-Raiol; quando se achava pelas costas deste, ralhava injustamente e excitava a trabalhar aquele, que, aliás, não levantava a cabeça, mas quando, ao rodear o numeroso bando de escravos sentados em círculo, passava junto de Alberto, sempre tocava-o com o pé.

O negro conservava-se imóvel e como insensível.

Paulo Borges sentara-se e adormecera; a crioula deixou-o dormir.

Alberto levantou-se, enfim; depois do Pai-Raiol e de alguns outros já despedidos, concluíra ele também a sua tarefa e logo foi despejar no monte o milho que descarocara.

Esméria, que o esperava, murmurou-lhe rapidamente:

— À meia-noite, na sua senzala.

Alberto respondeu com um movimento da cabeça, deixando-a cair de modo a encostar o queixo no peito.

Paulo Borges não inspirava mais receio algum à crioula: dormia sempre até que ela o acordava à força de manhã.

[307] À meia-noite, Esméria entrou na senzala de Alberto.

— Pensei que a senhora não vinha mais — disse este.

— A senhora? Que é isto?

— Já não somos iguais: eu sou escravo e...

— Pode ser meu senhor, se quiser.

— Cansei de esperá-la. Sei que Pai-Raiol ainda a chama.

— E eu confesso que ainda tenho ido falar-lhe.

O negro pareceu indignado.

— Vim contar-lhe tudo — continuou a crioula. — Chegou o tempo em que só você, tio Alberto, pode me livrar daquele demônio.

— Livrá-la como?

— Matando-o: com ele, é matá-lo, ou deixar-se matar.

— Por que então você vai encontrar e se entregar a Pai-Raiol?

— Deixe-me contar-lhe tudo: você, tio Alberto, é incapaz de me fazer mal, e por isso eu lhe direi tudo.

— Fale — disse o negro soberbamente.

Esméria confiou a Alberto os sinistros segredos de suas relações com o Pai-Raiol; o seu [308] império sobre as serpentes, o poder assassino do seu olhar, a sua ciência de feiticeiro, os crimes de que o sabia ou o suspeitava perpetrador, o domínio absoluto que pelo terror ele exercia sobre ela, o seu plano para entronizar-se como senhor na fazenda, e a sua conseqüente ordem para o envenenamento de Paulo Borges, a que por medo e cega e obrigada obediência ela se estava prestando.

A crioula somente esquecera os envenenamentos de Teresa, dos dois filhos desta e das três crianças escravas.

Alberto ouvira silencioso a história que Esméria lhe contara; depois refletiu por algum tempo e, levantando a cabeça, disse:

— Que me importa! O senhor vai morrer, como a mulher e os filhos morreram: não fui eu que os matei; não sou eu que o mato: que me importa?... Isso é lá com ele... nem o seguro, nem o empurro.

Triste, mas verdadeira observação! A natureza nobre e generosa de Alberto estava já tão estragada pelo vírus moral da escravidão, tão envenenada pelo aborrecimento em que o escravo, pelo fato de ser escravo, tem ao senhor pelo fato de ser senhor, que o assassinato de [309] Teresa e de seus filhos e o novo envenenamento, o envenenamento de Paulo Borges,

não inspirara horror ao altivo negro, que, indiferente, dissera apenas: “que importa! Não fui eu que os matei; não sou eu que o mato: que me importa?!!!”

Como a escravidão corrompe, faz apodrecer e inocula ferocidade, e torna tigre ou hiena o homem escravo!

Esméria estremeceu, ouvindo ao inteligente negro a explicação da morte das suas vítimas.

— Tio Alberto — exclamou ela chorando —, juro que não fui eu quem matou minha senhora e meus senhores-moços; se morreram envenenados, não fui eu que os envenenei; foi talvez alguma negra que o Pai-Raiol governa também.

— Que me importa!

— Se você quer, livre-me do Pai-Raiol, que eu estou pronta a poupar a vida do senhor... a salvá-lo...

— Que me importa que morra ou que se salve? Depois dele virá outro sempre senhor, sempre um branco a oprimir o negro...

— E se for um negro?

— Hem?...

[310] — Se for o Pai-Raiol?

Alberto, que estava sentado, levantou-se de um salto.

— Pai-Raiol!

— Eu lhe contei tudo: ele me domina pelo terror, não posso resistir ao seu poder... O senhor morrerá... Meu filho e eu herdaremos a fazenda... Pai-Raiol impor-se-á, e eu me curvarei... Pai-Raiol será o senhor, envenenará meu filho... E o tio Alberto será escravo de Pai-Raiol...

— Não! — exclamou o negro. — O que você acaba de dizer é verdade; eu matarei Pai-Raiol.

Os olhos da crioula brilharam com fogo infernal.

— E o senhor? — perguntou ela.

— Que me importa! — repetiu Alberto.

— E talvez já seja tarde para salvá-lo! — disse Esméria. — Os venenos do Pai-Raiol são terríveis! Oh, tio Alberto, livre-me desse demônio de feiticeiro e em breve, senhora aqui, você há de ser meu único senhor...

O negro olhou suspeito, mas soberbo para a crioula, e viu a lascívia abrasando-lhe o rosto.

Para o escravo, a lascívia é que é amor.

[311] Alberto contava trinta anos de idade e havia vinte que era escravo: Esméria fora a sua paixão mais pronunciada e ainda então depois de amante do senhor, mas penetrando em sua senzala, despertava nele o antigo ardor do negro escravo apaixonado.

— Vá-se: o senhor a espera e desconfia — disse ele tremendo.

— Não; o senhor dormirá até a hora em que eu quiser acordá-lo — respondeu a crioula, apertando com ânsia ambas as mãos de Alberto.

O Hércules negro abraçou a Dejanira negra.

Esméria e Alberto se separaram pouco antes de amanhecer o dia.

Tinham ambos ficado de perfeita inteligência: a crioula conseguira assenhorear-se da vontade de Alberto e fazê-lo adotar todas as suas ideias.

O negro deixava indiferentemente à mercê de Esméria a vida do senhor, a quem *não segurava, nem empurrava*.

Na seguinte noite, a crioula tinha de ir à senzala do Pai-Raiol, e Alberto esperaria o momento da sua retirada para provocar frente a frente o seu inimigo e matá-lo.

Depois... Provavelmente Paulo Borges morreria...

[312] Depois, Esméria e Alberto não se separariam mais...

Por fim de contas, Alberto mostrava que era escravo e estragado pela escravidão em que caíra havia vinte anos.

XXVI

[313] É de regra que a negra que foi escrava e se tornou senhora seja a pior das senhoras: se há ou tem havido exceção, Esméria não o foi.

Arrogante, exigente e perseguidora das parceiras, desde a morte de Teresa, a crioula, vendo-se emancipada e calculando com pujante futuro, exagerou as proporções de sua vaidade e, para impor submissão respeitosa e aniquilar as liberdades e confianças da antiga convivência e igualdade, fez-se cruel, ordenou castigos justos e injustos, e com as próprias mãos descarregou por vezes o açoite sobre as costas de suas companheiras do tempo da escravidão e do menosprezo.

Mas também é de regra que os escravos, e [314] principalmente as escravas, detestem ainda mais, e muito mais, a parceira que se tornou senhora.

A inveja se mistura com a desestima e produz o rancor, rancor que tempestia furioso se a antiga parceira, presunçosa e soberba, cruel e petulante, quer obrigar a esquecerem-lhe o passado e exige prostrações, cultos servis e humildes de quem pouco antes a abraçara irmã pela condição, irmã pelos vícios e sócia nas desenvolturas em que a escravidão procura lenitivo.

Na fazenda de Paulo Borges, a cozinha já conspirava contra Esméria, que a cada instante a invadia como fera embravecida.

Na manhã que seguiu à noite de sua muito dilatada entrevista com Alberto, a crioula, ou porque houvesse mal dormido, ou por assanho de maldade, atormentou as antigas parceiras e, sob o pretexto de uma resposta menos respeitosa ou mesmo atrevida, açoitou desapiadadamente uma velha escrava a quem Teresa tinha, com a sua bondade, habituado aos direitos de mais descanso e de certa consideração e tolerância devidas à velhice.

Lourença, escrava octogenária, sofreu o castigo sem gemer e sem chorar; quando, porém, [315] Esméria voltou as costas, ela escancarou a boca, onde não tinha um único dente, e pareceu soltar uma gargalhada ou um rouco e destemperado lamento.

As outras escravas pensaram que a velha tinha enlouquecido e, murmurando pragas e insultos, enxovalharam a crioula-senhora.

Lourença ficou indiferente, muda e como inerte o dia todo; mas, ao ruir da tarde, tomou um pau em que costumava arrimar-se e saiu.

A velha escrava era a incumbida dos cuidados do galinheiro: as parceiras julgaram que ela fora assistir, como costumava, ao vespertino recolhimento das galinhas; ainda era um pouco cedo, mas talvez o açoite de Esméria tivesse ativado a pobre negra.

Lourença sumiu-se entre as laranjeiras, foi até o fundo do quintal, pôs-se de gatinhas e passou por baixo da cerca, e caminhou pelo campo até chegar à cancela, junto da qual sentou-se no chão.

Era a cancela da estrada, por onde se ia à roça desse ano.

Meia hora depois, a velha negra levantou-se, ouvindo os passos vagarosos de um cavalo, e abriu a cancela.

[316] Era Paulo Borges que ia passar de volta da roça. O fazendeiro apareceu abatido e desfigurado; a negra com uma mão segurava a cancela, com a outra segurou o estribo do senhor.

— Lourença tem que contar — disse ela.

— Que é?...

— Esméria está matando senhor.

— Como? — perguntou Paulo Borges estremecendo.

— Esméria cozinha uma raiz no café que senhor bebe de noite; ela esconde muito, mas Lourença já viu...

— Já viste?

— Lourença já viu...

E a negra contou pelos dedos seis vezes.

— Tu mentes — disse Paulo Borges, que, aliás, começava a acreditar no que ouvia. — Tu mentes, ou então me darás prova do que dizes.

— Lourença não mente — respondeu a negra. — É velha, mas quando lhe entra ideia na cabeça, espia, faz que dorme, mas não dorme.

— E que tens visto?...

— Às vezes, a cobra assobia no quintal: é mentira, não é cobra; uma vez, Lourença foi ver os pintos... a cobra era Pai-Raiol.

— Pai-Raiol!... O chamado feiticeiro!...

[317] — Esméria vai falar com a cobra...

— Meu Deus!

— Agora não vai mais ao quintal quando a cobra assobia: Lourença reparou e não dormiu... Não podia dormir... A ideia estava na cabeça de Lourença...

— E então?

— Agora senhor dorme muito...

— Sim... durmo... — disse Paulo Borges aterrado.

— De noite, senhor toma café e vai dormir, e não acorda mais: Esméria abre janela, pula, e vai... Lourença já viu.

— E aonde vai ela?

— Lourença não sabe; mas Pai-Raiol tem senzala.

— É isso! — balbuciou, suspirando, Paulo Borges.

— Lourença é velha, mas não precisa dormir: vai morrer, porque não dorme mais de hoje em diante... Lourença quer mostrar a senhor o crime de Esméria.

— E como?

— Senhor não toma café, deita-o fora e faz que dorme, e pode dormir; quando Esméria salta a janela, Lourença vai acordar o senhor.

Paulo Borges aceitou prontamente a proposição [318] da velha escrava; interrogou-a ainda por algum tempo, recolhendo, cuidadoso, suas informações, e seguiu depois para casa, levando no seio a raiva e no rosto a dissimulação.

Lourença, a velha escrava, a escrava profundamente desmoralizada por longa vida de cativo, ensinada pela experiência traiçoeira de mais de meio século de escravidão, tinha apanhado e guardado com indiferença malvada o segredo dos crimes de Esméria, e só pelo rancoroso ressentimento do açoite rompera o silêncio imposto pelo ódio natural de escrava ao senhor.

Era talvez muito tarde para salvar Paulo Borges, mas ainda a tempo para sua vingança de velha escrava cruelmente açoitada.

XXVII

[319] Às oito e meia horas da noite, Esméria pôs à mesa a ceia costumada de Paulo Borges, que comeu com apetite.

Depois da ceia, a crioula trouxe e serviu o café: Paulo Borges pediu a caixa de tabaco que deixara no quarto e, enquanto a crioula foi buscá-la, ele levantou-se pronto e atirou pela janela o café contido na xícara.

Esméria, ao chegar com a caixa de tabaco, viu a sua vítima com a xícara voltada nos lábios, como a derramar as últimas gotas do líquido envenenado.

Nessa noite, a crioula tinha fervido no café não uma, porém duas raízes. No estado de fraqueza em que se achava, Paulo Borges, se tivesse [320] bebido o café, dormiria para não tornar a acordar.

— Já bebeu o café?... — perguntou Esméria.

— Já! Estava excelente; agora o que tenho é vontade de dormir.

— Que sono! O senhor já não faz caso de mim...

— Que queres, crioula?... Não me posso vencer: é um sono de bêbado, ou de envenenado...

Esméria riu-se e disse como de mau modo:

— É sono de velho.

Paulo Borges não respondeu e foi deitar-se, resolvido a velar e a fingir-se adormecido; no fim, porém, de poucos minutos, sono irresistível pesou sobre suas pálpebras, e ele dormiu profundamente.

Esméria, que estava ao lado do mísero fazendeiro, levantou-se à meia-noite e, ansiosa e trêmula, não por medo de Paulo Borges, a quem deixava soporificado e talvez próximo a morrer, mas pelas apreensões e temores do combate e da morte de que ela tinha de ser testemunha nessa noite, abriu,

cuidadosa, uma janela da sala de jantar para onde, pé por pé, se dirigira, e saltou para fora, cerrando depois a janela.

[321] Passados breves minutos, Lourença entrou no quarto do senhor, tomou-lhe os braços e os sacudiu com força até obrigá-lo a despertar.

Paulo Borges acordou e, sentando-se na cama forçado pela insistência dos esforços da velha escrava, perguntou:

— Quem é? Que é?...

— Esméria já saiu, saltando pela janela — respondeu Lourença. — Se o senhor quer, Lourença o acompanha até a senzala do Pai-Raiol.

O fazendeiro, cedendo ao excitante do ciúme, da cólera e do instinto da própria conservação pôs-se em pé, vestiu-se, tomou duas pistolas que sempre tinha carregadas, e em súbito acesso da antiga energia, disse à velha negra:

— Vamos; acompanha-me.

E saiu com Lourença ao lado pela porta da frente da casa que abriu e deixou cerrada.

Lourença era velha e Paulo Borges, já privado de forças: caminhavam ambos a passos vagarosos e apoiando-se um no outro.

— Se houver perigo — disse Paulo Borges —, tu chamarás o feitor.

— Não há de haver perigo — respondeu Lourença —, basta que senhor ouça o que eles disserem... [322] E amanhã senhor mandará segurar em Esméria e Pai-Raiol.

— Dizes bem — tornou o fazendeiro, convicto de sua fraqueza.

Paulo Borges deixou-se guiar pela velha, que, fazendo grande volta, conduziu o senhor, menos exposto a ser descoberto, pela encosta de elevado outeiro até chegar à parede do fundo da senzala do Pai-Raiol.

Sabe-se que as senzalas têm uma única porta que abre para a frente.

Agora algumas breves palavras sobre o teatro da última e lúgubre cena o deste drama sinistro.

A senzala do Pai-Raiol era isolada e levantava-se no cabeço desse outeiro, que por detrás docemente se ia debruçando até a planície; pela frente, três braças de terreno separavam a palhoça do negro de um fundo precipício; o pequeno monte acabava ali quase em ponta mais que íngreme, escarpado; a alguns palmos abaixo do solo mostravam-se as espinhas agudas da rocha, saliências desiguais, triangulares, tortuosas, pontudas, e no fundo, aos pés do outeiro, o rio a correr, gemendo, sobre pedras cortantes e separadas em multidão de pedaços de granito.

A lua era plena e bela.

[323] Paulo Borges e a negra tinham os ouvidos pregados à parede de barro amassado do fundo da senzala, cuja porta se achava trancada.

Dentro da senzala, havia a luz do fogo de um braseiro.

Na frente e a medir o precipício, via-se imóvel a figura de um negro agigantado.

Paulo Borges e Lourença no fundo e o negro imóvel na frente da senzala não se tinham descoberto, não se podiam ver.

Por mais baixo que Pai-Raiol e a crioula se falassem, o sussurro de suas vozes chegava fora e, ao mais leve descuido, as palavras eram entendidas, graças à grosseira construção da senzala.

Pai-Raiol parecia ralhar com Esméria, que se desculpava.

As palavras “raiz”, “tigre velho”, “morte” haviam destacadamente chegado aos ouvidos de Paulo Borges, que tremia convulso.

Por fim, o negro malvado irritara-se e, com voz menos contida, dissera em tom de senhor:

— Pai-Raiol quer!

— Uma semana ainda! — exclamou a crioula.

— Não: amanhã de noite três raízes, e o tigre velho morre...

[324] — Tenha pena...

— Depois d'amanhã, Esméria é senhora de tudo...

— E Pai-Raiol? — perguntou a crioula traiçoeira, elevando a voz.

— No outro dia, Pai-Raiol fica também senhor, porque gosta de Esméria.

— E eu também gosto do Pai-Raiol.

— Mas se Esméria não faz, Pai-Raiol mata.

— Farei tudo! — disse a crioula, abraçando e beijando o negro.

Mas Pai-Raiol, em vez de pagar-lhe os afagos, desviou-se, soltou risada que não pôde abafar e logo cerrou os dentes com força e a ponto de fazê-los ranger.

— De que ri assim? Que é isso?

— No *outro dia*...

— Sim... no outro dia?

— Pai-Raiol há de surrar tio Alberto.

Um golpe violento dado por potente ombro fez em pedaços a porta da senzala, e Alberto, que se mostrou ao clarão da lua, bradou com raiva:

— Cão danado! A hora chegou: mas traze faca, porque eu trago faca.

Pai-Raiol deu um salto, armou-se de um machado **[325]** e por momentos mediu com os olhos vinhos o inimigo.

Paulo Borges tinha caído por terra.

Alberto afastou-se alguns passos e disse:

– Sai para fora, ou vou lá dentro agarrar-te.

O Pai-Raiol não reconheceu a soberba generosidade de Alberto que, reputando-se superior em forças, não queria abusar dos estreitos limites da senzala e dava à destreza as vantagens do espaço; mas aproveitou-se do que supunha erro e imprudência do inimigo, e, rápido e com o machado erguido, tomou em dois pulos campo no terreiro.

Imediatamente o combate se travou furioso.

Pai-Raiol tinha força e agilidade; conhecendo, porém, o Hércules, confiou ainda mais na agilidade do que na força e empenhou-se em escapar e furtar-se enquanto pudesse à luta corpo a corpo.

Mas ele não contava com a ligeireza e velocidade de movimentos de Alberto.

Pai-Raiol saltando, iludindo com negaças o inimigo, manejava o machado como espada em mão de hábil esgrimidor; Alberto atacava, fugindo com o corpo aos golpes do machado e [326] tentando sempre chegar com as mãos ao seu adversário.

O Hércules soberbo deixara a faca na cintura, e só o corte do machado do Pai-Raiol em contínuo e variado movimento brilhava aos raios da lua.

Esméria chorava à porta da senzala, observando o combate.

Paulo Borges e Lourença, arrastando-se pelo chão e metidos entre as ervas e a grama, tinham chegado até o ponto em que expõem apenas as frentes e os olhos podiam testemunhar o duelo grosseiro, mas terrível.

Paulo Borges fazia votos pela vitória de Alberto.

Cinco minutos talvez durava já o estéril manejo de saltos e negaças, de ataques e de golpes perdidos no ar; mas o Hércules negro cansou de

esperar e, afrontando o machado, atirou-se frente a frente ao Pai-Raiol com ímpeto tão pouco esperado, que o instrumento da morte caiu sobre ele, quando seu corpo já estava pregado ao corpo de Pai-Raiol.

A decisão da luta pareceu então depender da posse do machado: os dois negros disputaram com desesperado esforço a arma formidável; [327] mas, em breve, Alberto, dando forte joelhada no estômago do Pai-Raiol e ao mesmo tempo, com igual força, puxando o machado, arrancou-o das mãos do inimigo, que recuara a cambalear.

Em vez de ferir logo de morte a Pai-Raiol, o soberbo Hércules atirou o machado no despenhadeiro e perguntou:

— Cão danado! Trazes faca?

O Pai-Raiol, que redobrou de fúria, tendo já recobrado o fôlego, respondeu com voz de surdo trovejar:

— Não; mas Pai-Raiol mata sem faca.

Alberto puxou a faca da cinta e a fez voar pelos ares.

— Braço a braço agora! E no fim a morte de um de nós dois no fundo do precipício!

Os dois negros se arrojaram um sobre o outro e a luta se tornou medonha: agarrados ambos, ferindo-se com as unhas e com os dentes e em violento combate em que as mãos como os pés, as pernas como os braços de ambos se enlaçavam, se estiravam, se retorciam no empenho que cada qual tinha de submeter o outro, Alberto e Pai-Raiol eram como dois cães de fila ou como duas panteras que se tivessem aferrado.

Evidente se patenteava a resolução de cada [328] um dos lutadores, porque ambos mediam às vezes o espaço que os separava do abismo: era

horrível o silêncio dos negros assim agarrados; só se ouviam dois arquejos que se misturavam ferozes.

Esméria teve medo e fugiu a correr.

Paulo Borges horrorizou-se e, incapaz de levantar-se e de andar, disse a Lourença que fosse chamar o feitor e gente para prender os dois escravos.

Mas Alberto vira Esméria fugir medrosa e, envergonhado da prolongada luta, fez um esforço supremo e caiu sobre o Pai-Raiol, a quem lançara por terra.

O Hércules dominou o negro malvado, que, todavia, resistiu ainda, cravando as unhas no pescoço de Alberto; este, porém, não só empregou esse mesmo recurso, mas ainda, com um dos joelhos sobre o estômago do inimigo já sua presa, de todo o submeteu.

Um ronco lúgubre anunciador de agonia saiu do peito de Pai-Raiol, cujas mãos inertes caíram, desgarrando as dez unhas do pescoço de Alberto.

O vencedor, inundado pelo próprio sangue e pelo sangue do inimigo, retirou então do estômago [329] deste seu joelho rochedo e ouviu por breve instante e com assanhada fúria o estertor do moribundo que estava a seus pés e arquejante de fadiga, mas raivoso ainda, curvou-se de novo, levantou em seus braços de Hércules o corpo do negro odiado e, avançando dois passos, atirou-o no fundo e pedregoso precipício.

O eco do baque do corpo do Pai-Raiol, que, tombando de ponta de rocha em ponta de rocha caíra sem dúvida despedaçado no rio que corria embaixo por entre pedras escalavradas, completou a vingança terrível de Alberto, que, enxugando com a manga da camisa o sangue que lhe saía do pescoço ferido, retirava-se ofegante para sua senzala, quando o feitor e alguns escravos que chegavam o cercaram e prenderam.

O Hércules negro não procurou resistir; estendeu os braços para receber as cordas, dizendo:

— Sim! Eu matei Pai-Raiol.

Mas Paulo Borges surgiu então do meio das ervas e da grama, e, ainda trêmulo e sobressaltado, exclamou:

— Soltem esse negro, que salvou-me do meu [330] assassino: amanhã eu lhe darei carta de liberdade.

E acrescentou sem hesitar:

— Vão prender Esméria, a cúmplice de Pai-Raiol...

CONCLUSÃO

[331] Que importa o horror da morte do Pai-Raiol?

Que importa o castigo justíssimo de Esméria, que perante a autoridade pública acabara por confessar todos os seus crimes?

Que importa que Paulo Borges rasgasse o testamento que fizera e que, em assanhos de serôdia vingança e em desvarios de remorsos, desprezasse e arredasse de sua casa o filho que tivera da perversa crioula, punindo assim no inocente a sua própria depravação?

Que importa tudo isso?

Teresa tinha vivido vida de martírio em seus últimos meses e morrera envenenada.

Luís e Inês, filhos legítimos de Paulo Borges, tinham também morrido por atroz e dilacerante veneno.

O pobre anjinho do berço, que fora privado dos seios de sua honesta mãe, bebera a sífilis e a morte nos peitos imundos de negra corrupta.

[332] Paulo Borges, enfim, sobrevivia a todas essas vítimas da malvadeza dos dois escravos e da sua sensualidade abjeta para arrastar sombria velhice atormentada pelos estragos da organização, pelo perdimento da saúde, pelo desprezo público que o perseguia, e por incessantes e desabridos remorsos, que reproduziam insistentes e implacáveis aos olhos de sua alma as agonias aflitivas, despedaçadoras, de sua esposa e de seus dois filhos.

A asa negra da escravidão roçara por sobre a casa e a família de Paulo Borges e espalhara nelas a desgraça, as ruínas e mortes violentas dos senhores.

Pai-Raiol e Esméria, algozes pela escravidão, esses dois escravos assassinos não podem mais assassinar...

A escravidão, porém, continua a existir no Brasil.

E a escravidão, a mãe das vítimas-algozes, é prolífica.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação digital: Rebeca Riga
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org